

Mística da Cruz

Transfiguração do sofrimento

«...Nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios. (...) Mas o que é louco segundo o mundo é o que Deus escolheu para confundir os sábios;...»
(1Cor 1, 23 e 27)

I. Introdução

Na consideração da experiência do sofrimento num contexto religioso não poderia deixar de se ter presente o seu *paradoxal anúncio* na radicalidade cristã¹. Sendo o 'Evangelho' a boa nova da Salvação, apontando o promissor caminho de redenção, de 'novos Céus e nova Terra' (cf. *Apoc* 21, 1), entretanto, para tal se antecipa a *via purgativa*, a oblação da própria vida, pois *sem morte não há ressurreição*².

¹ Ainda no eco paulino... Cf. *1Cor* 1, 18: '*Ho lógos gàr ho toû staurouû toîs mèn apollyménois moría estín, toîs dè soizoménois hemîn dynamis theouû estín.*' [Trad.: «Porque a linguagem da Cruz é loucura para os que se perdem e poder de Deus para nós, os que se salvam (...).»] Não a lógica (ainda helénica) do *desejo* de 'ser salvo', donde a *superação* (heróica) do sofrimento; outrossim, o assumi-lo, ainda por mortificação do próprio desejo (como na lição obediencial e esperançosa da tradição judaica) até à descoberta do puro *dom* de tal salvação. De modo muito introdutório lembre-se Claude TRESMONTANT, *Saint Paul et le mystère du Christ*, Paris, Seuil, 1956.

² Apesar daquele 'ponto Ómega', como diria P. TEILHARD DE CHARDIN, *Le phénomène humain*, (in: «Œuvres de T. de Ch.», vol. 1), Paris, Seuil, 1955, pp. 286 e segs., para que aponta o *Apoc.* 21, 1..., a *mediação* entrecruza Alfa e Ómega, na densidade da morte-Vida, ou seja, no mistério da Encarnação – Redenção. Ora, sem o necessitarismo da leitura hegeliana (da *Vida de Jesus*), importa sublinhar a equação livre, tão mística quanto naturalíssima, de que 'a semente terá que morrer para poder dar

Mais do que uma dialéctica economia desta denegação própria para um conseqüente renovo espiritual, na afirmação do *Homem Novo* (cf. *Ef* 4, 22...) está a sinergia livre da resultante da abertura à espontaneidade da divina graça, antes do mais catalisadora no mistério da Encarnação, ou seja, *exemplar* em Cristo.(cf. *Jo* 1, 14 e *Ef* 4, 13)³. É por isso que a origem da experiência mística cristã coincide, em S. Paulo, com o seu mesmo testemunho desse anúncio do que é 'escândalo' e 'loucura', de «Cristo na cruz»(cf. *1Cor* 1, 23...), ou do que «nem o olho humano viu, nem o ouvido ouviu, nem alguma vez poderia passar pelo entendimento humano» (*1Cor* 2, 9; cf. *Is* 64, 3; 65, 16...).

Não tanto a inenarrável experiência *extática* de Deus abscondido (o «*Deus occulto*» de *Is* 45, 15), outrossim o concreto de *Emanuel* (o «Deus conosco»: *Mt* 1, 23, cf. *Is* 8, 8) na realização espiritual do Reino dos Céus, ou seja, reconhecer em Jesus, o Cristo (cf. *Mt* 16, 16...), ou na Sua vida, «o Caminho, a Verdade e a Vida» (*Jo* 14, 6)... Trata-se da experiência assim loquaz, que fala no mais íntimo⁴, posto que em «gemidos inenarráveis» (*Rom* 8, 26: '*stengahmois alalétois*'), mas se deixa contemplar na eficaz palavra de fé (cf. *Mt* 17, 20...), quer como o glorioso Verbo ressurrecto, quer como o sacrifício redentor na Paixão.

E, embora todo este anúncio seja o do Espírito 'que sopra onde ou quando quer' (*Jo* 3, 8), ou seja justamente da libertação dos liames do condicionamento, da escravização do pecado (cf. *Rom* 6, 6), a tradição pós-paulina estabelecerá uma *ligação condicional* entre esse sofrimento redentor e a *Parousía* final (cf. *1Tes* 4, 15...), numa teológica economia de meios, que se revê na simetria do pecado adâmico e Salvação crística (cf. *Rom* 5, 12...), do 'homem velho' e do 'Homem novo' (cf. *Ef* 2, 15; *Col* 3, 9...), ou da *expiação*

fruto'...: cf. *Jo* 12, 24: '*...èàn mè hò kókkos toù sítu pesón eis tèn gên apothánei, autòs mónos ménei; èàn dè apothánei, polyn karpòn phérei.*'

³ Cf. Thomas MERTON, *The New Man*, London, Burns & Oates, 1962, pp. 35 e segs.

⁴ «Localização» habitual, o *intimior*... da linhagem agostiniana referida, assim, ao *homem interior*, tanto de S. PAULO (cf. *Rom* 7, 22: '*... katà tòn èso ánthropon,...*'), quanto de PLOTINO (*En.*, VI, 8, 12 e 18...), mas que restaria ser por demais interrogada, sobretudo superando o subjectivismo ou o interiorismo psicológico (mormente da «espiritualidade moderna») que poderia ser tanto mais redutor da *experiência de «transcendência» na transformação espiritual*, do que um «cósmico» (ao modo das *vias* de S. Tomás de Aquino, p. ex.) ou «objectivo» (ainda eclesial, comunitário...) encontro de Deus. Cf. Yves RAGUIN, S.J., *Le Maître et le disciple*, Paris, Desclée, 1985, pp. 62 e segs.

da culpa para a redenção⁵. De facto, a despeito de outras leituras que colhem o mistério da Encarnação como um livre acréscimo de Amor⁶, não forçosamente condicionado pela 'lógica' da *satisfação* ou da *reparação* do pecado, a noção de *sacrifício* a partir da teologia paulina torna-se central e constitui matriz para a compreensão da economia da Cruz e do *sofrimento no mistério cristão*⁷.

Mais do que a *transformação espiritual*, ou o ensinamento da iminência amorosa do Reino «já entre vós» (Lc 17, 21), o que passa a estar presente é a *preparação eclesial* que adia esse «já» na fé, na esperança, do que 'por ora se vê apenas em espelho e em enigma' (1Cor 13, 12), como *imitação*, pois, d'Aquele que realizou essa redentora Morte e Ressurreição⁸. Donde a *catequese moral* das Epístolas, a mediação *em Cristo*, pelos méritos da Sua Paixão, pelo sentido *justificado* dado ao sofrimento e à morte na Cruz⁹.

Deixando de parte as implicações teológicas desta doutrina da redenção, pela expiação da vítima perfeita, imaculada, pelo sacrifício reparador, ainda à luz do modelo do holocausto e da Justiça da tradição judaica e vetero-testamentária¹⁰, bem assim, pondo de lado

⁵ Sobre este vocabulário e temática da *expição* e *redenção*... cf. nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, «A linguagem da Redenção: reflexão filosófica e indicativo espiritual», in: *Didaskalia*, XIV (1984), pp. 77-112.

⁶ Tal no franciscanismo, em S. BOAVENTURA, *In III Sent.*, dis. XXVIII-XIX, ed. Quaracchi, t. III, pp. 380-384; DUNS ESCOTO, *Opus oxon.*: In III Sent., dis. XIX-XX... *Vide* também S. FRANCISCO DE SALES, *Traité de l'Amour de Dieu*, II, c. iv, in: ed. A. Ravier, *S. François de Sales, Œuvres*, Paris, Gallimard, «Pléiade», 1969, pp. 420 e segs.).

⁷ Cf. C. SPICO, O.P., *Dieu et l'Homme selon le Nouveau Testament*, Paris, Cerf, 1961, pp. 39 e segs.; F. PRAT, *La Théologie de Saint Paul*, Paris, Beauchesne, 1961, pp. 224 e segs.: «La valeur de la mort rédemptrice». Cf. *infra* ns. 9 e 66.

⁸ Cf. *Rom* 6, 5: «Uma vez que nos tornámos com Ele num mesmo ser por uma morte semelhante à Sua, também o seremos por uma ressurreição semelhante.» *Vide* n. seguinte.

⁹ O fundamento de tal *justificação* explicita-se, p. ex. em *Rom* 3, 23-26: «Todos pecaram e estão privados da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente pela sua graça, por meio da redenção que se realiza em Jesus Cristo, que Deus apresentou como vítima de propiciação, pelo Seu próprio sangue, mediante a fé, a fim de manifestar a Sua justiça, pela remissão dos delitos passados, suportados por Deus, a fim de manifestar a Sua justiça no tempo presente, de maneira a ser reconhecido justo e justificador daquele que tem fé em Jesus Cristo.» (sublinhámos) Cf. P. GARRIGOU-LAGRANGE, O.P., *L'Amour de Dieu et la Croix de Jésus*, Juvisy, Cerf, 1929, V, c. 1, pp. 549 e segs.

¹⁰ Aliás, em contraste com *Heb* 10, 5 e segs., quando se faz notar a superação da Lei dos holocaustos antigos e o Novo culto, pela oblação de Cristo; cf. *Heb* 16-18: «...imprimirei as Minhas leis nos seus corações e escrevê-las-ei nos seus espíritos; e não Me lembrarei mais dos seus pecados e das suas iniquidades.» Ora, onde há remissão dos pecados, já não há necessidade de oferenda pelos pecados.»

mera argumentação filosófica sobre as pesadas consequências antropológicas e culturais do Cristianismo encarado como uma tradição dolorista e penitencial, criticada como «negócio do Céu» ou de culpabilização sistemática longe da autêntica conversão¹¹, – importaria aqui meditar as valências espirituais daquele ensinamento da Cruz, do sofrimento e da *mortificatio*, outrossim, como lenitivo, viático, ou até na perspectiva do que se entendeu ser a *philosophía* como *therapeía*¹². Ou seja, trata-se de considerar, mais

¹¹ As teorias dialécticas e seu necessitarismo ideal (de Fichte, de Hegel: «o longo e paciente trabalho do *negativo...*»; mesmo em rebatimento histórico materialista (como em Marx e Engels...), as correntes voluntaristas e a denúncia da «moral da compaixão» na debilitação da Vida (em Nietzsche...), a própria psicanálise no diagnóstico traumático da Civilização (Freud)... – numa palavra, todos os «profetas da suspeita» (cf. P. Ricoeur) apontam para uma concepção *instrumental* do negativo, seja (activamente) como *violência*, seja (passivamente) como *sofrimento*. Cf. René GIRARD, *La violence et le sacré*, Paris, Grasset, 1972, pp. 346 e segs. As teorias sociológicas, antropológicas e psicológicas, etc., prolongam hoje, nas Ciências Humanas, essa «objectivação» da *vivência dolorosa* em quadros explicativos do ‘trabalho’ e esforço (cf. também Hannah ARENDT, *The Human Condition*, Chicago/London, Univ. of Chicago Pr., 1958, pp. 136 e segs.), da evolução e selecção (vide André BOURGUIGNON, *L’homme fou, Histoire naturelle de l’homme –II*, Paris, PUF, 1994), da agressividade e protecção (cf. Konrad LORENZ, *Das sogenannte Böse. Zur Naturgeschichte der Aggression*, Wien, Borotha Schoeler V., 1963), etc. A fenomenologia do religioso pode mesmo reduzir o sofrimento a uma estratégia *sacrificial* e de permutação – do *do ut des* – ligada com as primeiras condutas de «comércio»... Cf. G. Van der LEEUW, *La religion dans son essence et ses manifestations*, trad. do neerl., Paris, Payot, 1970, § 50, pp. 341 e segs.: «Le sacrifice»; cf. também Ananda K. COOMARASWAMY, «Atmayajna: Le sacrifice de soi», in: Id., *la doctrine du sacrifice*, trad. do ingl., Paris, Dervy, 1978, pp. 191 e segs.; ainda V. JANKÉLÉVITCH, *Les vertus et l’amour*, («Traité des vertus», II), Paris, Flammarion, reed. 1986, vol. 2, pp. 337 e segs.: «Le sacrifice».

¹² A *conversão* (como *metánoia* ou *epistrophé*, literalmente «mutação de consciência», «viragem»...) não será uma «traumática» *fuga mundi*, como tentativa reactiva de «des-culpabilização», outrossim, de resposta inovadora, descoberta do próprio sentido espiritual encarnado: uma *assunção* do «aqui e agora» na transfiguração a que a mística vivência da Cruz ou o sofrimento conduzem. Donde a *mortificatio* não dever ser entendida como mortificações no sentido ascético dolorista e pessimista, porém na herança do monástico exercício da diária *meditação da morte* (cf. García M. COLOMBÁS, O.S.B., *El Monacato Primitivo*, Madrid, BAC, 1998, pp. 535 e segs.) como libertação do seu medo, como «razão» de vida em plenitude (que já virá de PLATÃO, *Phedon*, 64a), e como um ‘dar morte’ à morte mimando o mistério redentor (vida além-morte assim antecipada: cf. *1Cor* 54-55; *Cant* 7, 6). A verdadeira *iniciação* cristã (como morte, pelo baptismo, para o pecado) tem paralelo com a *cura* que a busca da sabedoria almejava... a terapia *salvadora* que provinha dos modelos psico-éticos clássicos. Cf. Pierre HADOT, *Qu’est-ce que la philosophie antique?* Paris, Gallimard, 1995, pp. 226 e segs.; André-Jean VOELKE, *La philosophie comme thérapie de l’âme*, Fribourg/Paris, Éd. Universitaires/Cerf, 1993, pp. 35 et *passim*.

de um ponto de vista prático, a transfiguração operada pelo *sofrimento*, em especial ligado com a *teopática* experiência da Cruz.

II. A questão do *sofrimento*

O homem sofre. Parece, à primeira vista, óbvia esta experiência do sofrimento, quer na dor física, tanto na doença, como na mortal condição, quanto também no plano psicológico e moral¹³. Por um lado, experiência dolorosa a partir da situação corpórea e do medo de sofrer que mais angustia, por outro, dimensionada no desejo de lenitivo, de superação do sofrimento, sobretudo de eliminação de uma 'culpa' que se tende a associar à dor. Verdadeiro nó físico e psíquico, mundano e moral, o sofrimento ganha uma pluridimensionalidade de acepções que chegam a ser entre si contrastantes e reveladoras de que, nesta *dramática* do humano, se almeja não apenas na agonia comum do seu lamento, mas como vislumbre de uma inesperada economia espiritual.

Como linguagem do ser e do ser vivente e sensível essa dor de que tanto se fala e até, no fundo, não se deseja abandonar, será mais a ilusória representação de medos e angústias do que a real experiência de tal limite. Quer isto dizer que importa não confundir a realidade do sofrimento com as suas «representações», os hábitos associativos, mentais e emocionais, da sua 'invocação', seja como 'moeda de troca', seja como medo, culpa, expiação, revolta... Muito do que hoje se dizem ser os cuidados no alívio da dor, os cuidados paleativos, a assistência fraterna aos casos de doenças terminais particularmente dramáticas, etc., seriam de interrogar em função

¹³ E o que parece óbvio, logo que observado com mais atenção se revela bem menos certo. De facto, a «evidência» do sofrimento, que não a sua mera convenção dizível e sugestiva como mimetismo sócio-cultural, é remotíssima... E terá sido necessária a consciência *búdica*, ou uma tão excepcional *iluminação*, para poder afirmar a plenitude do seu fenómeno; ou seja, declarar de acordo com a Primeira Nobre Verdade (do célebre Sermão de Benares, cf. *Mahāparinibbana Sutta*, II, 2 e segs. (ed. T. W. Rhys Davids, *Buddhist Suttas*, N.Y., Dover, 1969, p. 23...) que «tudo é dor» – o que obviamente excede a possível consciência vulgar e da psicologia comum. Poder-se-ia falar, então, da descoberta da dor justamente pela consciência iluminativa das periferias de tal psicologia comum, do «egoico», ou da sua extremada realidade como ilusão, desejo e ignorância: isto é, o sofrimento sendo a universal condição negativa (só existente positivamente enquanto sem essa consciencialização *nirvânica* do mesmo). Poder-se-ia, então, apontar para uma solução «moral» com certo paralelismo ao da *in-dolentia* da Filosofia Helenística... Vide *infra* n. 20.

de tais «representações» que legitimam ou não o sofrimento¹⁴. E até os casos excessivos de dito desvio emocional, como do sadismo e masoquismo, no «ter prazer» em infligir ou em sofrer dor, apontariam ainda para cristalizações, psicotipias, estereótipos morais¹⁵.

Há, pois, que ter a coragem de desmitificar o sofrimento de que as pessoas se queixam no habitual e que é falso na maior parte dos casos¹⁶, sofrimento que, no fundo, seria paradoxalmente a última coisa de que se quereriam despojar, já que constitui uma «razão» para viverem, se identificarem, até nutrirem – subconscientemente ou não – toda uma auto-piedade, uma auto-comiseração por si mesmos. E isso foi feito por F. Nietzsche no apólogo da violência originária na *Genealogia da Moral*, contra o moralismo das falsas compaixões, da cumplicidade com o castigo, ainda pela vitimização interesseira do «animal doméstico» a que é conduzido o homem

¹⁴ Tal como nos reveladores estudos sobre a morte, realizados por sociólogos e antropólogos, que manifestaram a profunda influência cultural na *representação* da morte (cf., entre outros, Philippe ARIÈS, *L'homme devant la mort*, Paris, Seuil, 1977...), assim também, no que respeita à dor, deve-se remeter para uma idêntica metodologia, investigando-se a sua diversa valorização de acordo com determinadas culturas e religiosidades... Cf. Edgar MORIN, *La Méthode – 2. La vie de la vie*, Paris, Seuil, 1980.

¹⁵ Como, mesmo na óptica filosófica, mostraram as reflexões de Georges BATAILLE, *L'Érotisme*, Paris, Minuit, 1957, pp. 209 e segs.; P. KLOSSOWSKI, *Sade mon prochain*, Paris, Seuil, 1947; Gilles DELEUZE, *Présentation de Sacher-Masoch, Le froid et le cruel*, Paris, Minuit, 1967, pp. 67 e segs. De salientar a nota *repetitiva* (não tanto do *hábito* como «liberdade»... cf. ainda a lição de RAVAISSON, *De l'habitude*, (1838), Paris, Fayard, 1984... ; vide também G. DELEUZE, *Différence et répétition*, Paris, PUF, 1968, pp. 286 e segs.), sobretudo como *ilusória renovação* das «psicotipias» e outras formas reveladoras da *cristalização do sofrimento em formas estereotipadas de dor*. Cf. mesmo no âmbito espiritual (do quietismo): cf. Michel TERESTCHENKO, *Amour et désespoir, de François de Sales à Fénelon*, Paris, Seuil, 2000, pp. 122 e segs.: «Mort et résurrection: l'itinéraire de l'âme vers Dieu selon madame Guyon».

¹⁶ E o grande 'problema' não está tanto nesta *ilusão*, mas no facto de a sua 'falsidade', o seu ser *pseudós* (por oposição a 'verdadeiro', *alethés*) possa ser «verdadeiro» como tal! (No ilusionismo oriental, sobretudo no *Vedanta*, cf. Michel HULIN, *Qu'est-ce que l'ignorance métaphysique (dans la pensée hindoue)?*, Sankara, Paris, Vrin, 1994, pp. 10 e segs. Espessura *dolorosa da mesma ilusão da dor!*...na crédula convertibilidade do negador em nova afirmação inversa ou complementar (que, como lógica economia da lei de *dupla negação* ali implícita...) Percebe-se, entretanto, na assimetria *sensível* (mais do que na contrária argumentação lógica da escola intuicionista de Brouwer e Heyting... (cf. A. HEYTING, *Intuitionism, An Introduction*, (in: «Studies in Logic and the Foundations of Mathematics»), Amsterdam/London, North-Holland Publ. Co., 1971) que, ainda que *mentida assim*, como diz F. PESSOA, («Autopsicografia», em «Cancioneiro», in: Id., *Obra Poética*, ed. M.ª Aliete Galhoz, Rio de Janeiro, Aguilar, 1972, p. 164: «...a dor que deveras se sente»), se sente!...

político, ou pelo «negócio do Céu» a que a satisfação religiosa de um Deus justiceiro obriga¹⁷.

Porém, contra este miserabilismo, afinal ocultante de violência, desejo de poder, até da sexual pulsão pelo atractivo do sangue e da dor, surge um outro e mais sábio discernimento de compreensão não assim *ressentida* do sofrimento.

Importa por isso traçar muito brevemente a possível *escala semântica e experiencial do que por sofrimento em geral se quer indicar*¹⁸, mostrando qual esse plano em que já não se está determinado pela *dor que acontece*, pelos associacionismos psíquicos e, inclusive, pelos hábitos morais e estereotipada linguagem religiosa de «conformação», de dizer que «é da vontade de Deus», etc.¹⁹. Ou seja, trata-se de discernir – além deste estar passivamente activo – uma outra *indolentia*²⁰ que situe a crucial experiência sofredora (dita *mística da Cruz*) como *caminho de realização espiritual*, num estar, outrossim, «activamente passivo»²¹.

1. Plano fisiológico e orgânico: A dor, ou em suma o sofrimento, só se pode dizer de tudo o que sinta, de um modo geral do

¹⁷ Cf. F. NIETZSCHE, *Zur Genealogie der Moral. Eine Streitschrift*, (1887), II, 1 e segs., in: G. Colli e M. Montinari, (eds.), «*Sämtliche Werke*», Berlin/N.Y., De Gruyter, 1980, t. 5, pp. 291 e segs. e *vide* Marc ORAISON, *La culpabilité*, Paris, Seuil, 1974, pp. 50 e segs.: «La culpabilité, condition du sentiment religieux», devendo-se ainda relembrar o *jansenismo* de PASCAL, (também em: *Pensées*, ed. Brunschvicg, 160; ed. Lafuma, 795...: «la douleur ... nous la choisissons»), quando considera o sofrimento como um castigo: «...les maux du corps ne sont autre chose que la punition... des maux de l'âme.» (*Ibid.*)

¹⁸ Sobre o pluridimensional da *dor*, cf. R. MELZACK e P. D. WALL, *Le Défi de la douleur*, Paris, Maloine, 1982.

¹⁹ Conformismo ou *ataraxia*, indiferença habitual (ainda no Estoicismo...), que está nos antipodas da autêntica oblação de vida e verdadeira *indiferença espiritual* (cf. FÉNELON, *Explication des maximes des saints*, V, Jacques Le Brun, (ed.), *F., Œuvres*, Paris, Gallimard, «Pléiade», 1983, pp. 1023 e segs.; S. FRANCISCO DE SALES, *Traité de l'Amour de Dieu*, IX, c. v, ed. cit., pp. 771 e segs. ...). Cf. M. TERESTCHENKO, *Amour et désespoir*, ed. cit., pp. 148 e segs.

²⁰ Tomamos a palavra no seu sentido etimológico de «anulamento da dor», como na moral epicurista, quando se trata de uma *conformação* com a Natureza... cf. José A. Motta PESSANHA, «As delícias do Jardim», in: Várs. Auts., *Ética*, S. Paulo, Companhia das Letras, 1992, pp. 57 e segs.

²¹ O paradigma está na *atitude mariana*, cf. *Lc* 1, 38: «... *gênioitó moi katà tò rhêma sou.*», que não é o *quietismo* do não-agir, mas, como se indica também na sabedoria taoísta do Extremo-Oriente, a de um *agir não-agindo* (chin. *wou wei*, cf. LAO TSEU, *Tao-the King*, c. XXIX), como se se dissesse a suma vontade reabsorvida em si mesma, ou na sua Fonte originária... Cf. também, Yves RAGUIN, S.J., *La Source*, Paris, Desclée/Bellarmin, 1988, pp. 31 e segs.

que vive e tem, por isso, uma organização, uma totalidade que tanto possa ser rompida na sua inteireza, quanto implique limites sensíveis – na relação com a envoltória, com a finitude espacial e sobretudo temporal²². O ser vivo, assim sensível, não é uma autonomia, mas um sistema homeostático cujo metabolismo é constituído por sucessivos desequilíbrios e equilíbrios de assimilação, de transformação do outro em si, ou de si noutro, traduzidos em saúde e doença, em satisfação e carência, em prazer e dor²³. E, neste básico sentido quase infra-consciente, o estado álgico constitui um alerta, um sintoma dessa ruptura do balanceamento normal, ou o indicativo de um perigo exterior, – de qualquer modo, sempre no básico sinal de uma fragmentação, de «um estar feito em dois», uma partição como parece ficar dito nas etimologias de *dolor*, sânsr. *dukkha*, etc.²⁴. Todavia, a *dor* é biologicamente uma orientação referida ao *desprazer* ou a um certo desequilíbrio vital.

2. Plano psíquico e emocional: A esta dor «física», assim referida à predominância da base psico-fisiológica, e particularmente às organizações do sistema nervoso (de captação do estímulo e respectiva capacidade de resposta), – ficando por isso excluído o não-vivo (como a pedra que se diz não sentir) e o não-organizado (caso de tecidos vivos não integrados num organismo, etc.) bem assim o não reactivo (caso do movimento, ficando por isso de interrogar análogas condutas de dor nas plantas...), – deve complementar-se a sua mais rigorosa legitimidade semântica como *psicológica* captação de tal estado que só então se poderá consciencializar como

²² Como já reconhecia ARISTÓTELES, *Peri Psykhês*, II, 2, 413b e segs. ; III, 4, 429a 10 e segs.; *Peri Makrobiótetos kai Brakhybiótetos*, 464b, 1 e segs.

²³ Entre outros, cf. Paul CHAUCHARD, *La Douleur*, Paris, PUF, 1981; Edgar MORIN, *La Méthode – 2. La vie de la vie*, ed. cit. *supra*; vide também: Jean-Didier VINCENT, *Biologie des passions*, Paris, Odile Jacob, 1986, pp. 225 e segs.: «Les voies de la douleur».

²⁴ Vide as etimologias: *dolor* < ?, mas com possível ligação a *dolo*, «esculpir», ressoando o gr. *daídalos*, etc. na acepção geral de «trabalhado», 'torturado'...; por outro lado, aproximável do lit. *dalyti*, «dividir», sânsr. *dal* – «queimar», «quebrar»... < **del* – (cf. R. GRANDSAIGNES D'HAUTERIVE, *Dict. des Racines des langues européennes, sub nom.*); Quanto a *dukkha* < *dus* – «mau», «doente»... por opos. a *sukha*, «saudável»..., permite, entretanto, salientar nesse *dus*, ou *dis*-, o sentido de «divisão», etc. Por contraste com estes contextos 'destrutivos', o gr. *álgos*, «dor», remeterá a *alégo*... na acepção de «ter em conta», «inquietar-se ou cuidar de»... (Cf., por exemplo, BENVENISTE, *Les origines...*, p. 152; J. POKORNY, *Indogermanisches Etymol. Wörterbuch*, I, pp. 193-194)

*dor*²⁵. Uma «dor não consciente» não tem verdadeiro sentido, não se excluindo aquela perturbação fisiológica ou vital, porém não se legitimando que seja dita *dor* senão quando já *sentida por alguém*, o que, então, levanta a questão de identificar «dores» em formas de organização animal pouco centradas, ou em que não seja clara a individuação²⁶.

Mesmo na sociedade humana serão significativas as flutuações evolutivas desta consciência da dor ainda de acordo com os graus de individuação do homem: nas sociedades primitivas, em que predominam condutas miméticas e colectivas, os estados de dor também tenderão a ser tomados nessa 'osmose', nesse contágio como o das emoções colectivas; mais tarde o sofrimento sendo reconhecido, não na totalização do corpo colectivo do grupo, mas na dramática individual, tal como no que aconteceu com a consciência da 'morte individual' a partir da época que Karl Jaspers designou como «período eixo», c. de 1000 a 500 a.C.; enfim, numa progressiva inteligência dessa consciência de *finitude* o sofrimento é discernido em passivo e activo, em físico e moral, em inútil e fecundo, etc. de acordo com as filosofias, as culturas e as tradições religiosas e sapienciais que lhe pretendem trazer uma solução²⁷.

Todavia, o que está na base do drama psicológico do sofrimento é, sobretudo, a *emoção* do desagradável, do máximo desta inconformidade sentida como *álgido*, e todas as explicações e moralizações, mesmo religiosas, que procuraram «sublimar» esta impressão negativa, ora pelo seu controle racional, ora pela justificação causal em termos de culpa, de «crime e castigo», etc., têm assim este «pé de barro» que é o *medo de sofrer*, mais até do que a experiência do sofrimento como tal²⁸. E é por isso que tal *medo* acaba comple-

²⁵ No entanto, ainda aqui será de distinguir entre a *sensação* dolorosa e a *emoção* de dor, como faz notar, até do ponto de vista da actividade neuronal envolvida, António DAMÁSIO, *O Sentimento de Si, O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*, trad. ingl. de «The Feeling of What Happens», Mem Martins, Europa-América, 2000, pp. 98 e segs.

²⁶ Cf., entre outros, C. S. LEWIS, *The Problem of Pain*, London, The Centenary Pr., 1940, pp. 77 e segs.: «Human Pain».

²⁷ Vide KARL JASPERS, *Origen y meta de la Historia*, trad. do alem., Madrid, Rev. de Occidente, 1968, pp. 20 e segs.; cf. também SUSAN LANGER, *Mind: An Essay in Human Feeling*, Baltimore/London, John Hopkins Univ. Pr., 1974 reed., vol II, pp. 265 e segs.

²⁸ Fundo emocional que pode ser também *mimado culturalmente* (cf. SUSAN BLACKMORE, *The Meme Machine*, Oxford, Oxf. Univ. Pr., 1999, pp. 162 e segs.) e que persiste, sobretudo em terreno bíblico e na tradição cristã como pesada herança, não do autêntico *arrependimento* ou *conversão*, mas de traumático *remorso*, *culpabili-*

mentar e dialecticamente por inspirar fórmulas não menos emocionais de *violência* em que, ao «horror» a sofrer, se reage com o terrível infligir sofrimentos, qual lógica não apenas de vindicta, mas de originário ímpeto. Donde que todas as religiões ou morais que assim desejem controlar esta situação não descubram no sofrimento uma outra profundidade directa, mas pretendam ver da mesma maneira (emocionada) o desejo de felicidade como equivalente ao de Deus, a *fuga mundi* como libertação do sofrimento, ou um prolongamento dessa emoção negativa como economia teológica de tal sofrimento transposto (antropomorficamente) em Deus²⁹.

A emoção de sofrimento aponta para *formas negativas* que podem ir desde a angústia e o desânimo até à ira e ao perverso gosto de fazer sofrer, passando por toda a escala de estados passionais negativos: de carência e ambição, de ciúme e avareza, de orgulho e de egoísmo, ainda nas emoções de amargor e de azedume ou mesmo de tristeza e melancolia... O sofrimento pode tingir todos estes estados por uma nota de pessimismo, de dolorismo mais ou menos pungente, todavia é mais característico de formas emocionais de culpabilização, de vitimização, tendencialmente masoquistas que chegam a justificar-se nesta dita 'paciência', nesta condição de conformismo...

3. Plano representativo e mental: Importa, entretanto, estar atento à diferença entre a *emoção-dolorosa* e a *consciência* (ainda que emocional, mas preferentemente sensitiva) *da dor*: pois a primeira substitui-se habitualmente à segunda, ou seja, reduz o sofrimento a um *estado passional*, uma «re-presentation» mental logo identitária³⁰. De facto, efabula-se a dor assim duplicada e intensificada até como discurso dolorista, encontrando-se a cumplicidade do entendimento, ora para uma justificação mental do sofrimento,

zação (sobretudo sexual: cf. Philippe CAMBY, *L'érotisme et le sacré*, Paris, Albin Michel, 1989, pp. 147 e segs.) e correlativo *medo*. Sobre tal «história do medo», cf. Jean DÉLUMEAU, *Le péché et la peur, La culpabilisation en Occident (XIII^e-XVIII^e siècles)*, Paris, Fayard, 1983.

²⁹ Tal em F. NIETZSCHE, *Zur Genealogie der Moral*, ed. cit., p. 332: «...als Gott, als Heilikeit Gottes, als Richterthum Gottes, als Henkerthum Gottes, als Jenseits, als Ewigkeit, als Marter ohne Ende, als Hölle, als Unaussmessbarkeit von Strafe und von Schuld.» Cf. Vincenzo VITIELLO, *Cristianesimo senza redenzione*, Roma/Bari, Laterza & Figli Spa., 1995, pp. 103 e segs.

³⁰ Cf. António DAMÁSIO, *O Sentimento de Si*, ed. cit., p. 99: «...a dor está associada a emoções negativas, tais como angústia, medo e tristeza, cuja combinação constitui aquilo que vulgarmente denominamos sofrimento...».

ora para a lógica da revolta ou da fuga e do desespero perante tal dor³¹. Mas, em todo o caso, sem consciência de quem está assim sofrendo, e de igual modo sem aprofundamento do sentir aquém de tal complexo emocional-mental³².

Ora a mente que pensa não padece de dor; e não sofre porque não é operação directa, não conhece realmente, apenas pondera o já conhecido ou, ainda indirectamente re-conhece ainda, tal estado percebido e emocional de dor. Por conseguinte, o pensamento, a actividade mental pode ser, e terá sido muitas vezes o âmbito de fuga, de consolo, de anestesia, da experiência dolorosa, como um recuo da vida e suas energias reais sobre a representação inteligível, a memória compensatória, o imaginário de felicidade, etc.

Aí, e nesse plano mental, a dor logo encontrará uma economia «razoável», mesmo que na linguagem fenomenológica de aparentes circunstâncias vividas que se cifram, entretanto, em vivências metafóricas. Ou ainda, num ambíguo imaginário da dor que clinicamente poderia configurar a histeria, todavia culturalmente legitima-se em determinada imaginação e poesia visionária ou até certa mística dolorista...³³ Tal dialéctica, assim «criacionista»,

³¹ Como dizia Nietzsche, o que 'revolta é o sem sentido da dor'... Cf. *supra* n. 29. Vide A. SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, IV, § 57 (in: «Sämtliche Werke», t. I, Stuttgart/Frankfurt, Cotta/Insel V, 1960, p. 430): «Zwischen Wollen und Erreichen fließt nun durchaus jedes Menschenleben fort. Der Wunsch ist seiner Natur nach Schmerz...»; e Max SCHELER, *Le sens de la souffrance*, trad. do alem., Paris, Aubier, s.d. [1945], pp. 62 e segs.

³² O caso exemplar é o de Job, que tem servido no conflito das respectivas hermenêuticas (p. ex. C. G. JUNG, *Réponse à Job*, trad. do alem., Paris, Buchet-Chastel, 1964; Léon CHESTOV, *Sur la balance de Job: pégrinations à travers les âmes*, trad. franc., Paris, Flammarion, 1971; Éliane Amado LEVY-VALENSI, *Job: Réponse à Jung*, Paris, Cerf, 1991...), para advertir contra a redução mental ou intelectual do sofrimento, antes chamando a atenção para o paradoxo existencial, o limite da situação vivida roçando o absurdo (vide também o «Sísifo» de Albert Camus...) e o sem sentido de um puro sofrer... Vide Michel HENRY, *Philosophie et phénoménologie du corps*, Paris, PUF., 1965, pp. 71 e segs.

³³ E importa não confundir tal romantização «dolorista» do sofrimento, já como «sentimento» ou reacção ainda inteligível perante a dor (cf. Albert BÉGUIN, *L'âme romantique et le rêve*, Paris, Corti, 1967, pp. 63 e segs.), com a sensação, o dado imediato (Bergson) que pode directamente inspirar, comover espiritualmente, mas se aquelas mediações sensuais e morais, fantasiosas e imaginárias... Como F. PESSOA referiu a propósito da *Estética não-aristotélica* (vide *F.P., Obras em Prosa*, ed. Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1982, pp. 240 e segs.), a arte não seria emoção, mas ciência objectiva da emoção, também, neste caso, se diria que a dramática do sofrimento não deverá ser representação mental emocional, outrossim a consciência directamente sensível, a intuição da dor, ainda que num «sentir que se sente» mais comovente, tocando quiçá o próprio dom das lágrimas... (cf. *Mt* 5, 4) Cf. Irénée

largamente traduzida da vida em metáforas e seu andamento próprio, encontra-se por exemplo no Autor de *A Alegria, a Dor e a Graça*, quando caracteriza a *Dor* nessa metafísica conceptual e nesse encontro de sentido, que aliás correspondia no seu itinerário biográfico a uma dramática exigência após a morte prematura de um seu filho³⁴. Diz, então, da *dor*:

«A dor é a relação do homem consciência, vontade amorosa, com a Vida inconsciente e súplice. A dor é filha da simpatia e, se tanto prezamos a memória e a consciência, é porque elas universalizam a simpatia. A dor é a reacção da parcela contra a separação (...).»³⁵

E valeria contrastar esta *consolação pela filosofia*, e pela sua literária expressão, pelo lenitivo retórico de «hipnóticas» palavras, com o que, outrossim, refere F. Pessoa a propósito da Cabala e do caminho dramático (não forçosamente verdadeiro, menos ainda especulativo) cabalístico:

«Trabalhando sobre os dados mortos do mundo visível, pode Kant, por sua qualidade de génio, chegar-se mais à verdade do que o Rabbi Akiba, que tinha o poder de trabalhar sobre os dados vivos do mundo invisível.»³⁶

HAUSHERR, S.I., *Penthos, La doctrine de la componction dans l'Orient chrétien*, («Orientalia Christiana Analecta», n.º 132), Roma, Pont. Instit. Orient. Studiorum, 1944, pp. 35 e segs.

³⁴ Cf. Leonardo COIMBRA, *A Alegria, a Dor e a Graça*, in: *Obras de L.C.*, ed. Sant'Anna Dionísio, Porto, Lello, 1983, vol. I, pp. 459-498: «A Dor»; Id., *Luta pela Imortalidade*, in: *ibid.*, vol. II, pp. 215 e segs., e vide nossa reflexão: Carlos H. do C. SILVA, «A Dor segundo Leonardo Coimbra», (Conf. Assoc. de Estud. U.C.P., em 19.5.1986), (a publicar).

³⁵ Cf. L. COIMBRA, *A Alegria, a Dor e a Graça*, ed. cit., vol. I, p. 492. De notar a componente *mnésica*, quase se diria agostiniana – e também da definição da *saudade* em Teixeira de PASCOAES, («O Espírito lusitano ou o Saudosismo», in: Pinharanda Gomes, (ed.), *T.de P., A Saudade e o Saudosismo, (dispersos e opúsculos)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, pp. 43 e segs.; vide p. 47: «O desejo e a dor fundidos num sentimento dão a Saudade. (...) Pela esperança e pelo desejo, a Saudade é Vénus; pela dor e pela lembrança é a Virgem Dolorosa. Vénus é a flor dos árias; a Virgem a flor dos semitas (...).» (sublinhámos)) – quando se deixa assim tal *memória* da dor, qual «dor» já da própria lembrança, como quadro de compreensão do sofrimento. Segundo o nosso pensador, o seu imediato vivido escapa sem tal *integração*... – em última análise como *solução retórica* no plano místico do sofrimento. Cf. nossa reflexão: Carlos H. do C. SILVA, «Filosofia e Mística na Escola Portuense ou Destino mítico de uma Literatura Pensante?», in: *Actas do Congresso Internacional: Pensadores Portuenses Contemporâneos (1850-1950)*, Lisboa, IN-CM, 2002, vol. I, pp. 291-322.

³⁶ Cf. F. PESSOA/Raphael Baldaya, em «O estádio gnóstico», in: F.P., *Obra Poética e em Prosa*, vol. III, ed. António Quadros, Porto, Lello, 1986, p. 421; (sublinhámos).

4. Plano moral e sentimental: De facto, o nível do pensamento ambigua em memória e simpáticos e estóicos propósitos o que é, outrossim, o vivo de uma inteligência mais subida, cujo poder contacta e ressoa a vida, ainda que em dolorosos acentos, como diversamente pressente Leonardo Coimbra. «A Dor é, para nós, o sentimento de separação, de insubsistência e de fragilidade.»³⁷ (sublinhamos): sentimento! – não já mera reacção perante a Vida incôscia; não emoção, mas *estação* de alma... Porém o Autor logo se reconduz ao seu habitual caminho *especulativo*:

«Se nos obstinamos pela consciência, por um significado espiritual (!) da vida, se, trepado o nosso Gólgota, olhamos o horizonte, o vendaval do Mistério impele-nos duma força sempre pronta e excessiva, o ser penetra-nos da sua essência espiritual.»³⁸

E, se nesta última nota de *transformação do ser* se parece apontar para algo que transcende a neutralidade da Dor assim pensada, dir-se-ia na *dor de assim o pensar*, por outro lado, deve-se lembrar como as estratégias *lógicas* (teologia, filosofia, ciências...) pretenderam controlar, anular ou superar a dor, como resíduo de excesso emocional e vicioso, como ignorância e falta de razoabilidade no viver, enfim, como *mediação* transitória, negação relativa, para um absoluto de bem ou de gozo final³⁹.

A própria tradição cristã não ficou isenta a estas leituras: ora pela influência da heróica moral estóica das virtudes na base da ascética monástica de domínio da dor, de *apatheia* não como insensibilidade mas como ausência de paixões⁴⁰, em domínio das emo-

³⁷ Cf. L. COIMBRA, *A Alegria, a Dor e a Graça*, p. 496.

³⁸ Cf. *Ibid.* e ainda *ibid.*: «Cristo sabe que Deus fica para além dos areais da Dor, que é preciso atravessar o Deserto para alcançar o nemoroso oásis de água viva e perene; (...).» É nestas imagens, que nos parecem poeticamente coxas, ou por demais banais, que L. Coimbra não colhe justamente o *entrecruzamento* extático do além-Dor no aquém dessa *Fons Vitae* da mesma Cruz... A linearidade daquela imagética contrasta, aliás, com a densidade do verbo de T. de PASCOAES, *Regresso ao Paraíso*, ed. cit., 1986, p. 16: «Aqui no País do Drama, o sofrimento/É eterna Primavera/De lágrimas, de fogo e de soluços.../(...).»...

³⁹ Sempre a lição da *Vermittlung* hegeliana, mesmo que antecipada desde os Antigos, na lógica dos *meios e fins*, no sentido para a *relação dialéctica*, e na *relativização*, depois *temporalização*, quer do desejo – éros, quer do esforço – *sofrimento*... Cf. GRIMALDI, *Le temps et le désir*, Paris, PUF, 1971, pp. 81 e segs.

⁴⁰ *Apátheia*, «ausência de paixões», como estados passivos e assim *padecentes, mórbidos*... a não confundir com uma *anestesia*, ou falta de sensibilidade... Cf. Martha C. NUSSBAUM, *The Therapy of Desire, Theory and Practice in Hellenistic Ethics*, Princeton, Princ. Univ. Pr., 1994; também: Richard SORABJI, *Emotion and Peace of Mind, From Stoic Agitation to Christian Temptation*, Oxford, Oxf. Univ. Pr., 2000...

ções que se aproximará da ulterior e já gratuita *santa indiferença*; ora por subtil recuperação da *indolentia* epicurista⁴¹, no prazer (até «erotismo» sacro) em satisfazer mesmo aos sacrifícios, à benigna aceitação do sofrimento até um *sofrer de já nem sofrer*, como se testemunha menos no martírio mas sobretudo no *gozo místico*⁴²; ora, ainda, e sobretudo pela dialéctica do ‘menos’ ao ‘mais’, da queda e ascensão, seja no símile platónico, depois agostiniano e bonaventuriano, etc., seja no modelo hegeliano e das superações históricas do *drama da consciência infeliz*, também na economia das suas «noites» temporais...⁴³

Todo o dito nível da *dor moral*, mesmo sem qualquer sofrimento físico, aponta para este âmbito «reflexo» que faz culminar o pungente da emoção na *moralização sentimental* de um estado que se pode alongar, recordar como *estação interior*, etc.⁴⁴, sem que, nisso, se descubra o verdadeiro timbre do sofrimento, antes se fica ainda em ecos, mesmo quando se correspondam *cosmicamente* a uma «dor» do mundo, a planos doloridos, lúgubres paisagens, obscuras ou gementes, em limbos de imaginária visão do sofrimento purgatório, de universos dissonantes ainda a essa absoluta referência que nos é o corpo e o seu amor da luz, do encanto, da harmonia tal⁴⁵. Não importa convocar o «anjo» obscuro da angús-

⁴¹ Cf. *supra* n. 20.

⁴² Cf. St.^a TERESA DE JESUS, *Vida* (= *Libro de la Vida*), 29, 10-11: «No se puede encarecer ni decir el modo con que llaga Dios el alma y la grandisima pena que da, que la hace no saber de sí; mas es esta pena tan sabrosa, que no hay deleite en la vida que mas contento dé. Siempre querría el alma (...) estar muriendo de este mal. Esta pena y gloria junta me traía desatinada, que no podía yo entender cómo podía ser aquello.»; Id., *Moradas* (= *Moradas del Castillo Interior*), V, 2, 13... (ed. Efrén de la Madre de Dios, O.C.D., e Otgeer Steggink, O, Carm., (eds.), *St.^a T. de J., Obras Completas*, Madrid, BAC, 1986⁸, pp. 157 e 515 (doravante sempre segundo esta ed.); em eco desta posição encontra-se em St.^a M.^a MADALENA DE PAZZI: «E se me desses ainda que o Inferno, com todas as suas penas e tormentos, mas contigo, considerá-lo-ia um paraíso.» (trad. de *Opere di St. M-M. de PAZZI*, II, c. 6, p. 117)

⁴³ Cf. *supra* n. 39 e *vide*, por exemplo, a interpretação hegeliana de S. João da Cruz nessa sua economia da *noite* do sofrimento, na dialéctica da história e da consciência... Cf. Georges MOREL, *Le sens de l'existence selon S. Jean de la Croix*, Paris, Aubier, 1961, t. II, pp. 282 e segs.

⁴⁴ Cf., entre outros, Vladimir JANKÉLEVITCH, *L'irréversible et la nostalgie*, Paris, Flammarion, 1974, pp. 367 e segs.

⁴⁵ Cf. nossa reflexão Carlos H. do C. SILVA, «Saudade e Experiência Mística» (Comun. ao «Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade», Inst. Luso-Brasileiro de Filosofia, Viana do Castelo/Santiago de Compostela, 2 Junho 1995), in: *Actas do I Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade*, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1996, pp. 117-143.

tia e da dor, na infecundidade dessa semente alheia à escala humana, antes realizar no *humanado mistério de Deus* a consciência do sofrimento como um ingrediente místico da vida⁴⁶.

5. Plano espiritual e auto-consciente: Porém, não é de nenhuma daquelas estratégias *racionais* (morais e culturais) perante a dor que aqui importa tratar; antes do que constitua – nesse momento *neutro* do «pensar» –, a abertura para uma *outra inteligência e vivida compreensão* do mistério de sofrimento. É ocasião, sem dúvida, para uma tremenda interrogação: será que afinal a dor que fiz minha, o é? que esse sofrimento é real, ou apenas tão imaginário como uma projecção? que sou eu que (ou quem) sofro?... E não são perguntas a serem respondidas no associacionismo mental habitual, porém, que abrem socraticamente para o inconforme de descobrir, por exemplo, que, afinal, esse sofrimento era falso, apenas o apoio de um não estar consciente de mim mesmo...⁴⁷

Quando advenha a *consciência* da dor, não num pensá-la ou num emocionar-se perante ela, mas num sentir-se sentindo, um num reconhecimento do próprio ver-se dolorido emocionalmente falando, dá-se um aprofundamento e apuramento da sensação como tal e a dor torna-se paradoxal: por um lado, como quase inautêntica fora daquelas hipertrofias e posições mentais, por outro lado, iluminativa do que nela é nó, ou tensão, na consequência justamente de um abortado sentir. Como se a dor fosse paralisia da vida, cujo teclado sensível pudesse ser muito mais amplo, permitindo assim reconhecer como obstáculo a essa irradiação livre, a esse ritmo espreado da vida, o inopinado do desejo, o obstáculo da ignorância⁴⁸.

O sofrimento cômico transforma-se em iluminativo e amoroso consentimento no alargamento daqueles falsos obstáculos, «dores de parto» (cf. *Rom* 8, 22) da evolução, da recriação cósmica a fazerem ceder as mesquinhas medidas do 'egóico' e centrado de uma psicologia ou de uma organização psico-fisiológica subjectiva-

⁴⁶ Não já a luta de Jacob e do Anjo, nem sequer a enigmática de Job, mas o signo de Jonas, numa aparente «dormência dos sentidos», mas que se deixa *habitar por outra e superior consciência*...Cf. *supra* n. 32.

⁴⁷ Cf. *supra* n. 13.

⁴⁸ Cf. *supra* n. 16. Ter também presente o ensinamento budista...Cf., entre outros, François CHENET, «La délivrance, mème», in: Id., (ed.), *Nirvana*, Paris, L'Herne, 1993, pp. 79 e segs.; Lakhsmi KAPANI, «Mourir à l'heure de sa mort», in: *Ibid.*, pp. 242 – 256.

mente separativa⁴⁹. Então o sofrimento, como o 'ênxofre'⁵⁰ da operação alquímica, entra em sinergia com o alento da própria consciência e revela-se no ilusório, como de fumo ou trevas, perante a sua luminosa e compassiva operação de harmonização...⁵¹

É neste plano de metamorfose que atinge o mais íntimo dos limites do ser e o alarga além de si, em tal reconhecimento cordial do benfazejo dessa *violentia charitatis*, como chegaram a dizer os espirituais na medievalidade⁵², que a dor deixa de ser a dualidade exterior, a fragmentação dos desejos postiços da personalidade, os seus pequenos sofrimentos e mesquinhas razões de queixa, para constituir um acicate ao nível da essência, inclusive do «eu» profundo e abscondito⁵³.

Agrava-se, então, o paradoxo de se constatar serem ilusórias as dores de que (habitual e supostamente de modo sincero) as pessoas se queixam, sendo outrossim veras as que nem sequer se sentem, quiçá inconscientes, ou apenas algumas vezes se deixam «fingir» em profundo e poético acerto:

*«O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente*

⁴⁹ Não apenas o egoísmo em sentido moral, mas a própria *identificação* egocêntrica da experiência humana, reconhecendo outras formas *transcendentes* da consciência não-centrada (cf. Jean-Paul SARTRE, *La transcendance de l'Ego*, Paris, Vrin, 1965 reed....), de uma «alma» plural (cf. Gilbert DURAND, *L'âme tigrée, les pluriels de la psyché*, Paris, Denoël, 1981...), ou de uma *heteronímica* condição... (o «drama em gente» de F. Pessoa...; cf. ainda Stephen E. BRAUDE, *First Person Plural, Multiple Personality and the Philosophy of Mind*, Boston, Rowman & Littlefield Pub., 1995...) *Vide* também: Paul RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil, 1990, pp. 305 e segs.

⁵⁰ Está suposto o «brincar» com as palavras, em francês: *souffrance* e o *souffre*, como «enxofre»... de etimologias diversas (*sufferire* < *sub+fero*; e, *sulphur* < *sulpur*...); cf. C. G. JUNG, *Psychologie und Alchemie*, Zürich, Rascher V., 1951, pp. 415 e segs.; 485, 493 *et passim*.

⁵¹ No simbolismo alquímico, o momento da *nigredo*... cf. *Ibid.*, pp. 333 e segs.

⁵² *Violentia charitatis*... Cf. Ricardo de S. VICTOR, *Benjamin minor*, in: PL, t. 196, cols. 70B-72C... *Vide* Várs. Auts., *Amour et violence*, («Études carmélitaines»), Bruges, Desclée, 1946.

⁵³ Já não a dor identificada, pertença de um «egoísmo» vulgar, pois já não se tratando de tal «personalidade» dolorosa, outrossim da descoberta de *mim mesmo* além dessas «identificações» sofridas. Donde uma «egoidade» mais profunda e não só ao nível do *mim*, como se diz na tradição hindu, como *asmitta* (condição desse ser *mim mesmo*, não ao nível do que se «pensa», mas até do que se é como «corpo», sangue, etc.), e, sobretudo, apontando-se para um *Ego supremo* que, por universal, tal se refere – ainda naquela tradição – como *Atman*, já não estará sujeito à mudança nem à dor... Cf. Michel HULIN, *Le prince de l'Ego dans la pensée indienne classique*..., Paris, Collège de France/Inst. de Civil. Indienne, 1978, pp. 18 e segs.

*Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente. (...)*⁵⁴

Por isso o valor maior não está na dor *que se sente*, no constrangimento do habitual âmbito da sensibilidade humana, mas na *transcendência espiritual* de tal dor, ainda que vislumbrada em fingimento tal, – que o subido sofrimento, a dor imensa, dos místicos é «mentira» sempre que não calada até à indiferença absoluta do seu mesmo ser, então, *indolor*⁵⁵. Mas isto, que não é fácil de compreender pois exige «para além do Bem e do Mal» uma lógica não-exclusiva nem binária, só se contemplará aos pés da Cruz, justamente no reconhecimento de que a dor é gozosa – redentora e, ao mesmo tempo, a alegria dolorosa – na paixão exemplar do Amor assim activo e passivo⁵⁶.

III. Espiritualidade do sofrimento ou dor espiritual

Dir-se-á, de forma bem marcada, que nenhum sofrimento tem sentido a não ser a partir do Homem das dores⁵⁷, ou seja, por participação no autêntico, ontológico e absoluto sofrimento *em*

⁵⁴ Cf. F. PESSOA, «Autopsicografia», ed. cit., p. 164; *vide supra* n. 36. Trata-se, ainda, do *acerto criativo*, ou seja, de «criar» a própria dor como *simulacro* da mesma... 'teatralização' que também muitas vezes ocorrerá, incôscia, nas *projeções* da doença mental... Cf. SAMI-ALI, *De la projection, Une étude psychanalytique*, Paris, Dunod, 1986, pp.71 e segs.

⁵⁵ Também pela razão secundária, mas decisiva, de que a *linguagem dos místicos* acaba por ser o exercício a desoras e sempre votado ao fracasso de uma *efabulação da experiência*... Cf. Michel de CERTEAU, S.J., *La Fable mystique*, Paris, Gallimard, 1982 e *vide* outras referências em nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, «Diário da Misericórdia e dom *imaginário* da linguagem – Condições diferenciais e regime redaccional da mensagem mística de Santa Faustina Kowalska», in: *Rev. de Espiritualidade*, X, n.º 39 (2002), pp. 165; cf. pp. 219 e segs.

⁵⁶ Dor e amor abraçados na Cruz... como se poderia rever no testemunho de uma «alma vítima»: Cf., o caso da Bt.^a DINA BÉLANGER, *Autobiographie*, ed. P. François-Marie Léthel, O.C.D., (org.), Montréal, Religieuses de Jésus-Marie, 1995⁵, p. 166: [1923]: «Mon idéal: *La substitution de Notre Seigneur en moi* (...) À ma devise, je retranchais le second mot: *souffrir*, pour ne garder que le premier: *Aimer!* L'amour m'apparaissait comme unissant la souffrance et la joie; je les voyais naître toutes deux dans le Coeur de Jésus.»; *vide* também outro exemplo: P. Dário PEDROSO, S.J., *Semente Escondida, Vida da Serva de Deus Maria da Conceição Pinto da Rocha*, Braga, ed. A.O., 1994, pp. 20 e segs.; cf. *infra*, n. 87.

⁵⁷ Cf. *Is* 53, 3: «...desprezado e evitado pelos homens, como homem das dores...»; cf. *Fil* 2, 7... e *vide* Kazoh KITAMORI, *Teologia del Dolor de Dios*, trad. do jap., Salamanca, Sígueme, 1975, pp. 40 e segs.

*Deus*⁵⁸. O que, entretanto, é paradoxal já que a *dor* só se dá no relativo, na fragmentação ainda, sendo ao absoluto absolutizada em absolvença.

Porém, o que aqui nos interessa não é discutir da viabilidade, ou não, de tal discurso paradoxal ao nível da teologia do *patripasionismo* e da questão do sofrimento no íntimo do trinitário mistério divino⁵⁹, outrossim, reconhecer que tal posição de consideração mental ainda não está habitada por aquele mesmo ritmo de sofrimento, de relação capaz de voluntariamente suportar as impressões negativas, se oferecer em oblação, desposar a transformação que em *vítima* de tal holocausto se realize⁶⁰. De facto, neste outro registo de oferecimento e de abertura à vida, aos invitatórios do Espírito, o sofrimento é cada gesto concreto, o absoluto 'sim', mas de cada relação, no *incomparável* de cada passo da Cruz e, todavia, susceptível de ser pórtico universal e directo do Infinito Amor, da infinita Misericórdia, em cada esmola de ser, cada *minimum* dessa transfiguração crística...⁶¹

⁵⁸ Cf. Jean GALOT, *Dieu, souffre-t-Il?*, Paris, Lethielleux, 1976, pp. 11 e segs.: «La passion d'un Dieu».

⁵⁹ Cf., nota anterior e, entre outros, H. MUEHLEN, *Die Veränderlichkeit Gottes als Horizont einer zukünftigen Christologie*, Münster, 1969; J. MOLTMANN, *Der gekreuzigte Gott*, München, 1972; François VARILLON, *La souffrance de Dieu*, Paris, Centurion, 1975...

⁶⁰ Experiência espiritual, como a testemunhada em Santa FAUSTINA KOWALSKA, *Diário, A Misericórdia de Deus na Minha Alma*, por exemplo, Cad. I, § 190..., trad. do pol., P. Stanislaw K. Szymanski e Carlos H. do C. Silva, (trad. e org.), Fátima, M.I.C., 2003², p. 77: « (...) me oferecesse como vítima por um certo sofrimento, que devia servir de reparação na causa de Deus, não só pelos pecados do mundo em geral, mas, em particular, pelas faltas cometidas nesta Casa.» Vide também *Ibid.*, §§ 1609, 1680... Cf. J. DE GUIBERT, *Leçons de théologie spirituelle*, Toulouse, éd. Rev. d'Ascét. et de Mystique, 1946, t. I, pp. 199 e segs.: «Perfection et mystère de la croix».

⁶¹ Cf. S. BOAVENTURA, *Apologia Pauperum*, c. 1, 9... (ed. Quaracchi, VIII, pp. 238 e segs.) Será ainda o *mistério do Amor* como o de singularidades, do reino do Espírito, nessa *espontaneidade* sempre Nova... cf. *Jo* 3, 8. Exactamente retomado por ST.^a TERESA DO MENINO JESUS, *Ms* (= *Manuscrits Autobiographiques, (Histoire d'une Âme)* B 4v.^o-r.^o (in: Sainte THÉRÈSE DE L'ENFANT-JÉSUS ET DE LA SAINTE-FACE, «Œuvres Complètes», éd. critique, N.E.C., Lisieux/Paris, Cerf/Desclée, cit., p. 304 (doravante sempre referida a esta ed.)): «...ne laisser échapper aucun petit sacrifice, aucun regard, aucune parole, de profiter de toutes les plus petites choses et de les faire par amour... *Je veux souffrir par amour* (...).» Cf. nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, «A «via rápida» de auto-realização numa óptica transpessoal – Exemplo da experiência mística de Teresa de Lisieux», (Comun. ao «Semin. Internac. «A Vivência do Sagrado», Fac. de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa, 6-8 Nov. 1996), in: Várs. Auts., *A vivência do Sagrado*, Coord. Núcleo de Psicol. Transpessoal, Fac. Psicologia, Univ. Lisboa, Lisboa, Huguin, 1998, pp. 65-99.

O sofrimento só poderá reconhecer-se quando fora do egoísmo humano e das suas razões menores; no entanto, se não houver «eu», ou «quem» sofra, sem tal 'centro' separador ou divisor, desaparece o sofrimento, ou torna-se como pura aceitação, consentimento... *surrender*, em relação a todos os seres e por mínimos que sejam, olhar divinamente compassivo...⁶²

Por isso perante a livre assunção do sofrimento na Paixão de Jesus, não se deve ter o condicionante olhar redutor em termos de dolorismo, de determinístico patético, ou quase de justificativo masoquismo, racionalizando como expiação necessária e satisfação penal o que é, outrossim, a flor oblata do Espírito, a semente entregue à morte para renascer...⁶³ Outrossim, reconhecer na Paixão a exemplaridade de cada gesto possível, na actualização máxima do *puro sacrifício*, do «amor sem porquê», do livre Dom de Deus... do *sofrimento voluntário* como indicativo da plena transformação espiritual⁶⁴.

A encenação espiritual de tal *drama* até sereníssimo, não fora a *agonia* do Horto (cf. *Mt 26, 36...*), é toda ela uma lição de como, mesmo na mor angústia dos limites espaço-temporais do nosso viver neste alinhamento de consciência e de propósitos, é possível coincidir tal negativo e, em amor tal, transformá-lo em *irradiação de ser e de bondade*⁶⁵.

⁶² Compaixão, por outrem, e em que outrem é «em mim» sujeito... Um deixar-me «habitar», como no mais banal *conhecimento*, tal a pura «notícia» dos místicos; como que sentir o que outros sentem de forma tão directa quanto a proximidade do corpo de sentir... Ainda a *experiência mística* na meditação de Georges BATAILLE, *La pratique de la joie devant la mort*, Paris, Mercure de France, 1967. Estado próximo ainda da *experiência alterada de consciência* de qual «corpo alucinado» na *poética* de Henri MICHAUX, *Les grandes épreuves de l'esprit*, Paris, Gallimard, 1967, etc.; cf. Anne BRUN, *Henri Michaux ou le corps halluciné*, Paris, Synthélabo, 1999.

⁶³ Muito haveria aqui a desenvolver quanto à carga histórica de tal dolorismo (mais superficial, aliás) na 'iconografia' das atitudes de piedade da espiritualidade moderna... Cf. Jacques MAÏTRE, *Mystique et Féminité, Essai de psychanalyse socio-historique*, Paris, Cerf, 1997, pp.169 e segs.

⁶⁴ Experiência, outrossim, da erradicação de toda a *imagem* (qual paradigma ainda de uma catequese do sofrimento!...) na *Entbilden*, dos místicos, que ao modo de Eckhart (cf. Wolfgang WACKERNAGEL, *Ymagine denudari, Éthique de l'image et métaphysique de l'abstraction chez Maître Eckhart*, Paris, Vrin, 1991) antecipam a «via do *puro amor*», relevando de um *sem porquê* do Dom, como ainda de uma *absolvição* assim do sofrimento; antes já comoção pura de (*não*-)ser. Cf. ANGELUS SILESIUS, *Cherubinischer Wandersmann*, I, 289; III, 86...

⁶⁵ Cf. Jean GALOT, S.J., *Pourquoi la souffrance?*, Louvain, Sintel, 1983, pp. 122 e segs.

O testemunho de numerosos espirituais sobre este *amor crucificado*, ou esta valência da *mística do sofrimento* da Cruz, impossível de resumir aqui, parte de S. Paulo⁶⁶ e depois da primeira linguagem simbólica da Cruz (sobretudo a partir dos sécs. IV e segs.), mas caracteriza-se essencialmente no que poderíamos dizer como várias *dimensões* dessa experiência crucial⁶⁷.

Por um lado, a *mimese* será um seguir o exemplo de Cristo e o caminho de crucifixão, como em St.º Inácio de Antioquia e noutros continuadores dos Apóstolos, – orientação interior para o Céu da perfeição que ecoa ainda dos Padres da Igreja. Por outra parte, em breve, na tradição monástica e na experiência orante se *interiorizam* também as *dores de Jesus*, descobrindo na Cruz a estação mística da contemplação amorosa da Paixão. Símbolo integrador do Alfa e Ômega do mistério de Cristo, a Cruz é glosada, então, no registo piedoso que a antecipa desde a Árvore da Vida até à Porta do Céu, suscitando uma espiritualidade *exemplarista*, mesmo que na simplicidade da devoção do *Poverello* pelo Crucificado⁶⁸.

A *imitação* piedosa deste tema, já pela sintonia com uma *afectividade dolorida*, torna-se mais clara a partir da *devotio moderna* (mesmo ainda nalguns renanos como o Bt.º Henrique Suso...) e, sobretudo, nos místicos do *siglo d'oro*, sendo de salientar quer a objectivação dramática da «iconografia» da Crucifixão (na pintura flamenga e a partir de então), quer a subjectivação do sentimento piedoso...⁶⁹ O exagero nesta dimensão, inspirador ainda na espiritualidade italiana e francesa até de um mórbido amor ao sofri-

⁶⁶ Cf. *supra* ns. 1 e 7, e sobretudo *ICor 2, 2...*; e *Gál 6, 14*: «Quanto a mim, Deus me livre de me gloriar a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo.» Vide ainda F. PRAT, *La Théologie de Saint Paul*, t. II, ed. cit., pp. 224 e segs.: «La valeur de la mort rédemptrice».

⁶⁷ Para a história da cruz, cf., por exemplo: M. BALAGUÉ, art. «Cruz»... in: *Enciclop. de la Bíblia*, Barcelona, Garriga, 1969, cols. 684-688; B. SESBOUÉ, art. «Cruz» in: *DTDC*, cols. 317-333; ... Quanto às suas «dimensões»: quais «largura», «comprimento», «altura» e «profundidade»... da *caridade* (cf. *Ef 3, 18...*) agora entrecruzadas na conjugação da *staurós* mística... Cf. P. TEILHARD DE CHARDIN, *Le milieu divin, Essai de vie intérieure*, (in: «Œuvres», ed. cit., vol. 4), Paris, Seuil, 1957, pp. 115 e segs.: «Le sens de la Croix».

⁶⁸ Vide St.º INÁCIO, *Ad Romanos*, 7; TERTULIANO, *Apologia*, 16, 6...Cf. S. FRANCISCO DE ASSIS, *Ofício da Paixão*, Sal 7, 8; e *Carta aos Fiéis*, II, 11...; e nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, «Do tempo profético ao tempo evangélico – valor espiritual da temporalidade em S. Francisco de Assis», in: *Itinerarium*, XXVIII, 112-113 (1982), pp.17-43.

⁶⁹ Cf. M. FLORISOONE, *Esthétique et Mystique d'après Sainte Thérèse d'Avila et Saint Jean de la Croix*, Paris, Seuil, 1956.

mento⁷⁰ tem, entretanto, noutro registo não psicótico mas espiritual, a profundidade de *descidas no mais profundo de si próprio*.

Bastará exemplificar esta descoberta mística da Cruz com referências a alguns Espirituais: desde St.^a Maria Madalena de Pazzi (1566-1607) e de S. João da Cruz (1542-1591), até St.^a Gemma Galgani (1878-1903) e Charles de Foucauld (1858-1916), passando por St.^a Verónica Giuliani (1660-1727) e S. Paulo da Cruz (1694-1775)..., entre muitos outros.

Nos numerosos êxtases que se narram de St.^a Maria Madalena de Pazzi, insiste-se na glória desse *sofrimento*, sobretudo porque o

«Verbo lacerado esquece-se de si mesmo pelo Amor que contém; também [sendo modelo para] a amorosa Igreja que se olvida de si própria pelo mesmo amor.»

– e é nesta perspectiva *intercessora* que se estabelece a *transfiguração* da dor da Cruz nos méritos de Salvação...⁷¹ A vivência que a Santa tem no seu mesmo corpo desta *paixão do Senhor* confirma nesta Esposa-Alma o que é logo mensagem *encarnacional* na Esposa-Igreja, como ainda o refere.

Ecoa, neste exemplo, o que se poderia designar por um estado de *amor provado* ou, como ela dizia, não apenas o *amor exercitativo* e o *amor impaciente* (ainda «egoico»), mas antes do *amor descansado* (ou de perfeito abandono), o *amor penoso*... Porém, o sofrimento ainda aí se terá de purgar até «um amor abandonado de todo, de modo que nada quer, nada possui, nada deseja», atingindo-se o que poderíamos dizer um *sofrer de nada*, como em S. João da Cruz⁷².

Neste Doutor Místico, a Cruz é sobretudo a *porta estreita* que se descobre no âmago da *noite escura* que culmina todas as purificações, toda a libertação do funcionamento condicionado das facul-

⁷⁰ Vejam-se as representações do Menino Jesus deitado sobre a cruz, abraçado à cruz, etc.: cf. Enrico CASTELLI, *Images et symboles*, trad. do ital., Paris, Hermann, 1971, pp. 49 e segs.: «Le Baroque et le Christum infans»...

⁷¹ Cf. ST.^a MARIA MADALENA DE PAZZI, *Revelac. e Intelligenc.*, IV, 6, in: P. A. Yubero (org.), *ST.^a M. MAGDALENA DE PAZZI, Éxtasis, Amor y Renovación, Revelaciones e Intelligencias, Renovación de la Iglesia*, trad. do ital., Madrid, BAC, 1999, pp. 113 e segs.; e também *Ibid.*, VIII, 1; ed. cit., pp. 199 e segs.

⁷² Cf. *Ibid.*, pp. 154 e segs., vide p. 158: «O último amor é morto, amor que não deseja, não quer, não anseia nem busca coisa alguma; e, desde o momento em que a alma possui este amor, por um *total abandono morto* que de si fez em Deus, nem deseja conhecê-l'O, nem entendê-l'O, nem saboreá-l'O.»; e cf. *infra*, n. 90.

dades humanas⁷³, sendo assim momento de graça e *passo decisivo* no que, de outro modo, poderia ser apenas um *Cântico Espiritual*, mais num eco de espiritualidade (islâmica) quase sem encarnação, do que da penosa, crucificante, *Subida ao Monte Carmelo*.

«Este cálice é o morrer à natureza, despojando-a e aniquilando-a para poder caminhar por esta senda estreita em tudo que lhe pode pertencer, tanto segundo o sentido, como dissemos, como segundo a alma, como agora dizemos; que é: no entender, no gozar e no sentir. De maneira que não só fique desapropriada num e noutro mas que nesta parte espiritual não fique embaraçada no estreito caminho, pois nele não cabe senão a negação (como dá a entender o Salvador) e a cruz, que é o bordão para a subida, com o qual muito se aligeira e facilita. (...)» «...Uma só coisa necessária, que é saber negar-se deveras, segundo o exterior e o interior, dando-se a padecer por Cristo e a aniquilar-se em tudo.»⁷⁴

Porém, mais do que este despojamento, na sensibilidade feminina de St.^a Verónica Giuliani, encontra-se já exemplificada na *crucifixão mística pessoal*, perfil de uma estigmatizada que vive em êxtase as dores da Paixão, não tanto na valência exterior das Chagas, tal em S. Francisco de Assis ou pretensamente em St.^a Catarina de Sena, outrossim, nessa *união esponsal na Cruz*⁷⁵. A linguagem torna-se afectiva, psicológica também, mas reflecte o mistério *libidinal* do «puro amor», como *amor e dor...* A esta *Amante da Cruz*, como lhe chama Jesus⁷⁶, é dada não apenas uma *plena identificação* com Ele, mas a descoberta do *padecer com sentimento* (porém sem pena, ou seja, num *puro amor*)⁷⁷. A sua compreensão *interio-*

⁷³ Cf. S. JOÃO DA CRUZ, *Subida (=Subida del Monte Carmelo)*, II, 7, 7 e 8 (ed. Lucinio Ruano de la Iglesia, *S.J.de la Cruz, Obras Completas*, Madrid, BAC, 1989¹², pp. 143-144; (doravante cit. por esta ed.); seguiu-se a trad. port. do Carmelo de S. José de Fátima, Paço de Arcos-Oeiras, ed. Carmelo, 1986). Cf. *infra* n. 108.

⁷⁴ SÃO JOÃO DA CRUZ, *Subida*, II, 7,7; cf., entre outros, Luce LÓPEZ-BARALT, *San Juan de la Cruz y el Islam*, Madrid, Hipérion, 1990², pp. 227 e segs.

⁷⁵ Sobre esta linhagem dos sinais de dor, os estigmas da Paixão, cf., entre outros, Antoine IMBERT-GOURBEYRE, *La stigmatisation* (1894), Grenoble, Jérôme Millon, 1996 reed.

⁷⁶ Trata-se do testemunho da estigmatizada capuchinha, ST.^a VERONICA GIULIANI, *Diario*, (14. X. 1697), in: L. Iriarte, O.F.M.Cap.(org.), *St.^a V.G., Experiencia y Doctrina Mística, Relatos Autobiográficos*, Madrid, BAC, 1991, p. 247: «...e de novo te confirmo: *Amante da Cruz*.» Dito isto, parecia que me colocava essa cruz no coração amoroso (...).» (traduzimos)

⁷⁷ Cf. *Id.*, *Diario*, (3.VII. 1697) in: ed. cit., p. 238. Cf. *Ibid.*, p. 211: «- Senhor, dores com dores, espinhos com espinhos, chagas com chagas! Aqui me tendes, toda Vossa, conVosco crucificada, coroada de espinhos conVosco, e conVosco chagada:

riza-se num sofrer em consonância com a transformação espiritual que exige a sua morte:

«E este *padecer com sentimento* é meio oportuno para chegar a essa morte que Deus me pede...»⁷⁸

É em S. Paulo da Cruz e ainda nesta *dimensão passionista* que melhor se capta o sentido místico do sofrimento da Cruz, quando na sua experiência se explicita o tema desta *morte mística*:

«Meu Jesus!, demasiado me pedis de uma só vez, pois, – antes de tudo – quereis que morra conVosco na Cruz, com uma morte mística. Morte demasiado dura para mim, mas suave, porque antes dessa morte me devo submeter a mil outras mortes.»⁷⁹

Retoma-se aqui aquela plena *configuração com Cristo* na Cruz, porém na multiplicação deste acto em todo um encadeamento de vida, até ao paradoxo de um abandono a este *sofrimento de amor* e à declaração, semelhante à de St.^a Teresa de Jesus, de que «*me sinto morrer porque não morro! Oh que santa morte! Morte de agonía!*»⁸⁰

Alastra a cruz a toda a dimensão da vida da alma no simétrico da natureza: isto é, onde há vida há morte e onde aquela, esta... É, então, a lógica inversa à da natureza, a do *dom de sofrer* aquela outra *doçura*, gozo mesmo, que se repercute como lema de vida: *calar, sofrer...* É o que se encontra na dolorosa experiência dos *êxtases* de St.^a Gemma Galgani, quando se relata essa equação *dor-amor*, ou *sofrimento-gozo*, tal o que também se repercute em St.^a Teresa do Menino Jesus, em St.^a Faustina Kowalska, etc.

Christo confixa sum Cruci! (cf. Gal 2, 20)»...» É a plena vivência da Paixão à qual está a ser chamada: cf. *Ibid.*, pp. 241-242...

⁷⁸ *Ibid.*, p. 238 e vide p. 239: «...despojar-me de tudo e estar morta para a sua santa Vontade, e sinto, no íntimo do coração, um contentamento muito grande de estar toda em Deus, d'Ele dependente, operante em Deus e tudo sofrendo por puro amor de Deus. Isto é o *padecer com sentimento*, embora não seja um sentimento que permaneça sempre (...).»

⁷⁹ Cf. S. PAULO DA CRUZ, *Tratado da Morte Mística, Holocausto do Espírito*, in: Antonio María ARTOLA, C.P., *SAN PABLO DE LA CRUZ, Vivencia de Cristo Paciente, – Diario Espiritual, Muerte Mística, Epistolario selecto*, Madrid, BAC, 2000, p. 31; vide pp. 33 e segs. A comparar com o tema do *Amor morto*, como grau sublime da configuração amorosa com Deus, em St.^a M.^a MADALENA DE PAZZI, *Revelac. e Intelig.*, VI, 6: «No Amor morto renasce todo o Amor» (ed. cit., pp. 157 e segs.).

⁸⁰ Cf. *Ibid.*, p. 33 e vide St.^a TERESA DE JESUS, *Moradas*, V, 2, 14, VII, 3, 4 e 6...ainda *Poesia: «Muero porque no muero»*, ed. cit., p. 654, e cf. *supra* n. 42.

Escute-se o seguinte passo do *Êxtase* 15, daquela mística italiana:

«Quem mais feliz do que eu...Jesus!... Paixão de Jesus... Entre mim e Ti sozinhos... Ó Jesus, e conseguirei resistir-Te?... Junto de ti não se sofre mais... Vá, vinde todos recolher o Sangue de Jesus, que Ele tanto verteu, enquanto eu, a última das servas, nem uma gota derramei. (...) Ó Deus! Jesus morre! Jesus, quero morrer conTigo... Ó espinhos, ó Cruz, ó cravos, quantas vezes vo-lo direi? Vingai-vos sobre mim, não mais em Jesus. Jesus morre, mas a mim dá-me a vida. Paixão de Jesus...»⁸¹

Mas, mais do que a *manifestação* disto mesmo, parece que a *mística da Cruz* pode ganhar outra dimensão mais escondida, como aliás se repercute de algumas daquelas almas na pretensão de serem *absconditas*, tal a que se refere na aparente impessoalidade da meditação de St.^a Teresa da Cruz (Edith Stein), justamente por ocasião da festa litúrgica da 'Elevação da St.^a Cruz' e do *drama humano* da hora do Holocausto judaico...

«A Cruz eleva-se de novo perante nós. É sinal de contradição. E dela o Crucificado interpela-nos: «Também vós me quereis abandonar?» (...) O manancial do Coração do Cordeiro não se esgotou. Mesmo hoje podemos ali lavar as nossas vestes como o fez um dos ladrões no Gólgota. Confiados na força reparadora deste sagrado manancial prostramo-nos perante o Trono do Cordeiro e respondemos à pergunta: «Senhor, aonde iremos? Só Tu tens palavras de Vida eterna» (Jo 6, 68)⁸².

Ou então, erradicação mesmo da própria Cruz no viver humilhado, despojado a sua mesma *sombra*, no caminho da *pequenez*

⁸¹ Cf. ST.^a GEMMA GALGANI, *Écrits*, trad. do ital., Paris, Téqui, 1988, p. 280. Cf. ST.^a TERESA DO MENINO JESUS, Ms C 36r.^o-v.^o: «La souffrance devint mon attrait, elle avait des charmes qui me ravissaient sans les bien connaître. Jusqu'alors j'avais souffert sans *aimer* la souffrance, depuis ce jour je sentis pour elle un véritable amour.»

⁸² Trecho da Festa da Elevação da Santa Cruz (a comparar também com «Kreuzerhöhung, 14.9. 1939. *Ave Crux – Spes unica*»), por ocasião de votos, mas coincidindo nesse dia com a terrível *Kristalnacht* da perseguição nazi às Sinagogas e aos judeus... Cf. Santa Edith STEIN, «Hochzeit des Lammes. Zum 14, 9, 1940», in: Id., *Verborgenes Leben*, (in: «Werke», t. XI) Freiburg, De Mass & Walen Druten/Herder V., 1988, p. 204. Cf. Antony KAVUNGUVALAPPIL, *Theology of Suffering and Cross in the Life and Works of Blessed Edith Stein*, Frankfurt/Berlin/Bern..., Peter Lang, 1996, pp. 181 e segs., quando transcreve um poema inédito de Edith Stein, sobre a Cruz: «*Signum Crucis*»; vide ainda de Edith STEIN (ou aliás, St.^a Teresa Benedicta a Cruce), *Kreuzeswissenschaft. Studie über Johannes a Cruce*, (in: «Werke», t. I), comentário ao Místico só publicada postumamente (Freiburg, Herder, 1950).

radical (ainda na herança da *petite voie* de St.^a Teresinha...⁸³), e sobretudo da própria *abjecção*, ao modo do testemunho de Charles de Foucauld, que raia a «loucura da Cruz», retomando desde a *insânia* dos antigos anacoretas e monges, até ao contraditório e blasfemo ritual atribuído aos Templários...⁸⁴

«Abraçar a humildade, a pobreza, o despojamento, a abjecção, a solidão, o sofrimento com Jesus na manjedoura; não fazer caso algum da humana grandeza, da elevação, da estima dos homens, mas tratar tanto com os mais pobres como com os mais ricos. Para mim, procurar sempre o último dos últimos lugares, ordenar a minha vida de molde a ser o derradeiro, o mais desprezado dos homens.»⁸⁵

É que *Cruz* e *Dor*, poder-se-ia neste sentido dizer, que só haverá a do Senhor da Vida e da Morte e tudo o mais será ainda pretensão religiosa, mística... longe do deserto e da evidência do *sem mais*⁸⁶.

Por isso os espirituais, que souberam não confundir a prática dolorosa do ainda seu caminho ascético com as Dores misticamente contempladas junto da Cruz, acabam por estabelecer o binómio Amor-Dor, Amar-Sofrer, como pulsação da própria Vida que assim há-de ser enquanto tal⁸⁷. E, se é conhecida a fecundidade, ainda

⁸³ Cf. ST.^a TERESA DO MENINO JESUS, *Ms C 2v.^o*: «une petite voie bien droite, bien courte...»; cf. nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, «O miniatral em Santa Teresa do Menino Jesus – Da mudança de escala na via de santidade», in: *Didaskalia*, XXXII (2002), pp. 147-243.

⁸⁴ Cf. Jacques LACARRIÈRE, *Les hommes ivres de Dieu*, Paris, Fayard, 1975, e vide também: John SAWARD, *Perfect Fools: Folly for Christ's sake in catholic and orthodox spirituality*, Oxford, Oxf. Univ. Pr., 1980; vide também: J. M. UPTON-WARD, *The Rule of the Templars*, Woodbridge, Boydell Pr., 1992; ainda Georges BORDONOVE, *La vie quotidienne des Templiers au XIII^e siècle*, Paris, Hachette, 1975.

⁸⁵ Cf. Fr. Charles de Jésus (Charles de FOUCAULD), «Retraite à Nazareth, 1897», in: *Oeuvres Spirituelles – Anthologie*, Paris, Seuil, 1958, p. 33.

⁸⁶ Vide também Thomas MERTON, *Seeds of Contemplation*, Westport, Greenwood Pr., 1976 reed., pp. 53 e segs.: «A Body of Broken Bones»; cf. p. 56: «It is principally in the suffering and sacrifice that are demanded for men to live together in peace and harmony that love is perfected in us, that we are prepared for contemplation.» (sublinhámos). Cf. também Lanza del VASTO, *Commentaire de l'Évangile*, Paris, Denoël/Gonthier, 1951, pp. 468 e segs.

⁸⁷ Sobre tudo a ter em conta a espiritualidade *vitimal*, ligada ao «voto de servidão» de Bérulle e ainda a Condren (cf. *infra* n. 83), depois também presente nos Passionistas (S. Paulo da Cruz...) e no P. Dehon, dos Sagrados Corações (cf. *Directório...*), bem assim na experiência mística de St.^a Gemma Galgani, etc. Desde S. Francisco de Sales e da tradição visitandina, bem assim em ST.^a TERESA DO MENINO JESUS (*Ms A 84r.^o-v.^o*) se salienta a consagração diversa como *oferecimento à Misericórdia divina, ou à Justiça de Deus* e a fim de A desagrarar (como em ST.^a MARGARIDA MARIA ALACOQUE, *Autobiogr.* § 46: «deux saintetés...»). É desta linhagem espiritual, sobretudo Passionista, que se pode também salientar o caso espiritual da fundadora das

ascética de sofrer as vibrações negativas como forma de potenciar uma outra consciência, purificada, passando de sofrimentos inúteis e incôscios a uma reintegração sinérgica das «forças da alma»⁸⁸, agora no plano espiritual e gratuito a própria alma 'adoece', denega-se em pura aceitação do que, de supremo, se lhe revela como Vontade, como Desígnio dessa metamorfose sua pelo Espírito⁸⁹.

São as dores da transformação pelo Amor e em Amor, além da purificação activa e que se traduzem num despojamento de si mesmas, como se num sofrer sem objecto, vazio, que uma vez dissemos – caracterizando a propósito de S. João da Cruz: como *um sofrer de nada* (não um nada sofrer, note-se!)⁹⁰. Dores no nocturno dessa mística estação em que se faz silêncio e o próprio Verbo na Cruz assim emudece⁹¹.

Porém, mais do que *sofrimento*, estas caladas dores absolvidas na morte-mutação no nocturno-alba de novo ressurgimento, representariam um estado *teopático* que evacua a própria Cruz, toda a Imagem, toda a mesma Encarnação⁹². Donde que na experiência espiritual cristã sempre se tenha reagido a esse pendor neo-platónico absolutizante, a esse vazio ou deserto de uma contemplação além da *Imago*, sendo até a Santa Humanidade de Cristo requerida no *realismo encarnacional* da vivência assim mesmo sangrada, suscitando *sentimentos* absolutos, posto que no *sempre transitivo da Paixão*, seja em *Getsemani* (cf. *Mt* 26, 36), seja nas cenas animadas do *Ecce Homo* e do presídio (cf. *Jo* 19, 5), seja na *via crucis* e crucifixão (cf. *Jo* 19,17...) ⁹³.

Irmãs Reparadoras Missionárias da Santa Face, a Serva de Deus Maria da Conceição Pinto da Rocha, que testemunha um inspirado percurso de dolorosíssima experiência desta configuração *vitimal* com Cristo: Cf., Simão de XAVIER (ed.), *A Reparação Expiadora, Autobiografia e outros Escritos de uma Alma Vítima*, Lisboa, Ed. Reparadoras Mission. da St.^a-Face, 1967.

⁸⁸ Tal se indica na *Imitação de Jesus Cristo*, III, c. 32; IV, 9... *Vide* também o clima espiritual desta espiritualidade do sofrimento: «*Tota vita Christi crux fuit et martyrrium.*» (*Imit.* II, c. 12)

⁸⁹ É o *abandono* espiritual... Cf. M. VILLER, art. «Abandon», in: *Diction. de Spiritualité*, I, cols. 2-25...

⁹⁰ Cf. nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, «Tudo sofrer por Amor – O tempo da *mortificatio* segundo S. João da Cruz», in: *Carmelo Lusitano*, n.º 8-9 (1990-91), pp.135-157.

⁹¹ Cf. S. JOÃO DA CRUZ, *Subida*, II, 22, 4: «...que Dios ha quedado como mudo y no tiene más que hablar...»; *ibid.*, 7: «Porque la hora que Cristo dijo en la cruz: *Consummatum est* (*Jo* 19, 30) cuando expiró...»; ed. cit., pp. 201-202.

⁹² Cf. *supra* n. 64, e *vide* n. seguinte.

⁹³ Cf. ST.^a TERESA DO MENINO JESUS, *Vida*, 22, 7-8; *Id.*, *Moradas*, VI, 9, 3-4...; e nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, *Experiência orante em Santa Teresa de Jesus*, Lisboa, Didaskalia, 1986, pp. 102 e segs.

Entretanto, mesmo nesta exemplaridade da *composição imaginária* do lugar do sofrimento⁹⁴, importa também penetrar no âmago *das dores morais e íntimas* de Jesus, cujo Coração compassivo, aberto em místico Amor, se queixa dos limites humanos, em ingratidão, em desprezo... em indiferença⁹⁵. O olhar infindo de Bondade dói-se em cada menor capacidade desse *Amor não acolhido*, sofrimento do Amante e da Amada no seio do próprio *místico Amor*...⁹⁶ Donde o que acaba por ser o sofrimento gozoso – a *fermentatio* alquímica –, tal o referem vários testemunhos desta experiência espiritual e a compreensão de que a Paixão suprema não tem tanto a ver com a *putrefactio* do pecado e sua sublimação, outrossim, com a métrica desmedida da Vida e do Dom do Amor...⁹⁷

IV. Simbolismo passional da Cruz

Se o que estivesse em consideração fosse apenas a Vida, o seu natural fluir, ou este fluxo e refluxo da vibração sobrenaturalmente assim harmónica, em louvor e Cântico universal, não se identificaria o *drama* como cristão, senão a partir desse gesto único de Jesus, desse mistério do Seu caminho da Cruz. Poder-se-ia, caso diverso, estar-se perante a espiritualidade islâmica da Misericórdia

⁹⁴ Veja-se a importância *paradigmática* desta «contemplação imaginária», sobretudo tal é proposta a partir da espiritualidade inaciana: cf. ST.º INÁCIO DE LOYOLA, *Ejercicios Espirituales*, 1.ª Sem., 1.º ex. §§ 47...: «composición viendo el lugar...»; e *vide* nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, «Das fantasias escolares à disciplina da imaginação – A importância do Imaginário como referencial epistémico na arte duma educação consciente», in: *História, Educação e Imaginário, Actas do V Colóquio de «Hist., Educ. e Imag.»*, Instituto de Educação e Psicologia, Braga, Universidade do Minho, 2001, pp. 25-60, *vide* p. 31 e seg.

⁹⁵ Como na tradição da espiritualidade francesa, sobretudo a partir do Oratório, de Pierre de BÉRULLE, *Discours de l'état et des grandeurs de Jésus*, II, x e segs. (in: «Oeuvres complètes», Paris, Cerf, 1996, t. III, pp. 108 e segs.); *vide* também as «revelações» a ST.ª MARGARIDA MARIA ALACOQUE, *Autobiographie*, §§ 53, 56... (ed. Monastère de la Visitation Paray-le-Monial e P. Darricau, (eds.), *Vie et Oeuvres de sainte Marguerite-Marie Alacoque*, Paris/Fribourg, Éd. Saint-Paul, 1990, t. 1, pp. 82 e segs.) se incrementa. Cf. Yves KRUMENACKER, *L'école française de spiritualité*, Paris, Cerf, 1998.

⁹⁶ Já tudo sendo *feridas de Amor*... Cf. *Cant* 7, 6: «...Porque o amor é forte como a morte, a paixão é violenta como o sepulcro, os seus ardores são chamas de fogo, os seus fogos, fogos do Senhor.»; ainda em ST.ª TERESA DO MENINO JESUS, *Ms A 85v.º*, 18... *Vide supra* n. 52.

⁹⁷ Cf. *supra* n. 50. *Vide Fil* 2, 8...

universal⁹⁸, como tangência do Espírito, como *sofrimento* de tal transformação, dita pelos sufis como *místico amor*⁹⁹ ou, então, perante a sapiência budista de uma *compaixão universal* e eliminação de toda a dor pela sua mesma ilusão¹⁰⁰.

Aliás, se o Cristianismo não é tanto a religião teocêntrica, mas a revelação forçosamente cristocêntrica, já que 'ninguém vai ao Pai, senão através de Mim' (cf. *Mt* 11, 27; *Jo* 5, 46...), também Cristo não é a cósmica instância, outrossim o Verbo crucificado, assim suspenso entre a Terra e o Céu¹⁰¹, menos o *pontífice* e Mediador da teológica economia, do que o humano-divino extremado no *nem cá, nem lá*, fresta ou hiato de Infinito...

E essa é a centralidade da Cruz, da inviabilidade de Cristo sem a Cruz, dado o essencial ensinamento da Morte e Ressurreição, mas ainda da valência simbólica da Cruz que chega a ser âmago de uma espiritualidade que até, por vezes, quase se sobrepõe a Cristo.

De facto, a *cruz* tem no seu ancestral simbólico toda uma lição de *entrecruzamento* de dimensões, de consideração do espaço entremundos, de polaridades cósmicas, vitais e psíquicas que se conjugam em intersecção tal¹⁰². A cruz salienta, ao invés do quadrado cuja cifra é a de clausura, uma abertura ortogonal... a convergência ao ponto central sem dimensões, ou a irradiação a partir dele como no cubo do espaço transcendente¹⁰³. Porém, sempre ao arripio da rotundidade da esfera em que tudo se concilia, ou do repetitivo circular em que se garante em ternura o ventre abaulado e prenhe da vida, a cruz é rasgão e traço de união impossível, justamente no irrepetível daquela sua origem central, no desmedido desse crucial

⁹⁸ Cf., entre outros, Sheikh NÁZIM, *Océans de Miséricorde, Vers la Présence divine*, Beyrouth, Al-Bouraq, 1998...Vide n. seguinte.

⁹⁹ Cf. Ibn ARABI, *Traité de l'amour*, trad. do ár., Paris, Albin Michel, 1986, pp. 93 e segs.; Id., *L'Arbre du Monde*, trad. do ár., Paris, Les Deux Océans, 1990, pp. 94 e segs. Vide também R. A. NICHOLSON, *Studies in Islamic Mysticism*, Cambridge/London/N.Y. ..., Cambr. Univ. Pr., 1978, pp. 77 e segs.

¹⁰⁰ Cf., entre outros, Kensur LEKDEN, *Compassion et vacuité*, Jujurieux, Dharma, 1979; Jeffrey HOPKINS, (ed. e trad.), *Compassion in Tibetan Buddhism*, London/Melbourne/Sydney..., Rider, 1980...

¹⁰¹ Cf. *infra*, n. 107. Cf. também Julien RIES, art. «Cross» in: M. ÉLIADE, (dir.), *Encyclopedia of Religion*, vol. 4, pp. 155-166 e vide n. seguinte.

¹⁰² Cf. René GUÉNON, *Le symbolisme de la croix*, Paris, Véga, 1957, c. III: «Le symbolisme métaphysique de la croix», pp. 73 e segs.; Id., *Symboles fondamentaux de la Science sacrée*, Paris, Gallimard, 1962; vide *infra* n. 104.

¹⁰³ Cf. iconografia da Cruz nuclear ou cósmica de Salvador Dali, em contraste com o outro modelo sanjuanino por si também glosado. Cf. E. CASTELLI, *Images et symboles*, ed. cit., pp. 66 e segs.

de todas as cruces, sinais assim de morte e por sofrimento de duas vidas não confundidas em abraço, mas apartadas em divisão... que só a rotativa visão irradiante poderá sublimar em unidade ¹⁰⁴.

Aliás, a mística contemplação aponta para as muitas 'chagas', as frestas de Infinito que perfuram o corpo ¹⁰⁵, mas são o irredutível desta aritmo-geometria de alma, desta cristã economia de Cristo único e, entretanto, vário e *esperança e glória* em cada um, qual nova chaga dessa edificação única também de cada célula do Corpo místico de Cristo.

Porém, embora o próprio Jesus invoque a cruz, como pena e sofrimento que cada um terá de assumir no seguimento da Vida e no caminho do Reino de Deus ¹⁰⁶, é a Sua mesma crucifixão que se tornará novamente simbólica do peso do pecado do mundo e da elevação ¹⁰⁷ redentora nela d'Aquele que disse 'o seu jugo ser leve' ¹⁰⁸. O tremendo instrumento de tortura, usado pelos romanos, seria inviável inspirar motivo de espiritual contemplação, não fora esta carga simbólica como *mortificação*, donde descende a morte, porém, acima da qual, ascende ressurecta a Vida eterna ¹⁰⁹. É, pois, balizamento de lugares espirituais e sua encruzilhada obrigatória se não se quiser apenas viver «isto» e «aquilo», mas não a «síntese» de ambos... por via desta crucial dimensão de *nem isto, nem aquilo*... ¹¹⁰

Na espiritualidade sem tal 'geometria' de alma, o corpóreo e terrestre podem tanger o celeste e aéreo, mas sem transformação,

¹⁰⁴ Cf. Jacques BONNET, *Les symboles traditionnels de la sagesse*, Roanne, Horvath, 1971, pp. 128 e segs.; Gérard de CAMPEAUX e Sébastien STERCK, O.S.B., *Introduction au monde des Symboles*, Pierre-qui-Vire, Zodiaque, s.d., pp. 365 e segs.; Jean DANIÉLOU, *Les symboles chrétiens primitifs*, Paris, Seuil, 1961, pp. 143 e segs.: «Le signe du *tav*».

¹⁰⁵ Cf. ST.^a MARGARIDA MARIA ALACOQUE, *Autobiogr.*, § 55... A devoção particular às Chagas depois divulgada pela visitandina Irmã Marta Chambon (1841-1907). Cf. *supra* n. 75.

¹⁰⁶ Cf. Mt 10, 38; Mc 8, 34: '*éi tis thélei opíso mou akolouthéin, aparnesástho heautòn kai aráto tòn stauròn autoû kai akolouthéito moi.*'

¹⁰⁷ «...E Eu quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim.» (Jo 12, 32)

¹⁰⁸ Cf. *supra* n. 73; vide Mt 11, 30: '*ho gàr zygós mou khrestòs kai tò phortíon mou elaphrón estin.*', tal jugo identificado em S. JOÃO DA CRUZ, *Subida II*, 7, 7, como a cruz; vide ainda *Rom* 8, 35 e segs.

¹⁰⁹ A Cruz como signo ignominioso, depois glorioso... Cf. *supra* n. 104.

¹¹⁰ A dupla negação, ou o célebre *neti, neti* («nem isto, nem aquilo») dos Budistas, – vide, por exemplo, *Madhyamikakarika*, I, 1... – mas que já provém da *Brhadaranyaka Up.*, III, 9, 26, etc. Cf. O. LACOMBE, *L'Expérience du Soi*, Paris, Desclée, 1981, pp. 102 e segs.; François CHENET, «La délivrance, même», in: Id., (ed.), *Nirvana*, ed. cit., pp. 90 e segs.: «Le privilège de la négation: finitude et dépassement».

sem viático *bagnum Mariae*; é, pelo contrário, na cruz que se dá a *encarnação material do Espírito*, ou a *espiritualização* complementar daquela, evitando a *indolentia* parada dos estóicos, a supressão do agir budista, neste extremo de um dar e receber, de um ferir-se na vida ou um cumprir a alegria mesmo além das lágrimas ¹¹¹.

V. Conclusão

Nesta consideração sobre a *mística da Cruz* verificou-se que, na *experiência espiritual*, importa menos o tema de *contemplação* do que o *crucial dessa mesma atitude*, o concitar em Cristo o centro irradiante da mística, a sua *graça de ser* ¹¹². Ou seja, se a mística prossegue uma matriz helénica de iniciação por elevação e aspira a uma atitude sobretudo 'teorética', passiva... ¹¹³, nesta sua conjugação cristã, desdobra-se essa contemplação sobre si mesma, descendo e *inclinando-se em misericordioso dom* ¹¹⁴. Trata-se, aliás, da cruz dos caminhos, do que faz encarnar a *dolorosa via crucis*, repondo toda a espiritualidade no seu substante que é o Espírito, coincidindo assim tal divergência plural da Vida...

Impõe-se para isso atender, não à desejada 'unidade' do viver – de uma *hennôsis* sem cruz ¹¹⁵ –, mas à *unicidade de cada simples e crucial manifestação de Vida*, chispa ínfima ou mónada espiritual (como diria Leibniz e ainda Leonardo Coimbra... ¹¹⁶), dando-se em plurímota manifestação dessa irradiação tanto dolorosa quanto amorosa. E, assim, o sofrimento deixará de ser uma imposição

¹¹¹ É a dimensão *reverencial* de atenção à Vida, de Encarnação, ainda que dolorosa... Cf. a 'poética' meditação de E. M. CIORAN, *Des larmes et des saints*, Paris, L'Herne, 1986, pp. 64 *et passim* («les larmes critère de la vérité dans le monde des sentiments»).

¹¹² A questão é de *ser* e não de *conhecimento!* Cf. *Mt* 7, 21.

¹¹³ Ainda o paradigma do «ver a Deus» do platonismo cristão: cf., por exemplo, Jean DANÉLOU, *Platonisme et théologie mystique*, Paris, Aubier, 1944; cf. *supra* ns. 1 e 12.

¹¹⁴ Como reconhece St.^a TERESA DO MENINO JESUS, *Ms A 2v.º*: «...le propre de l'amour étant de s'abaisser...»

¹¹⁵ Como St.^o AGOSTINHO, (*Confess.* VII, 20, 26: «*Sed tunc lectis Platoniorum illis libris posteaquam inde admonitus quaerere incorpoream ueritatem inuisibilia tua...*»; e VII, 18, 24...) sublinha em contraste à sabedoria neoplatónica...

¹¹⁶ Cf. *supra* n. 35 e *vide* LEIBNIZ, *Monadologie*, 50, 51...; L. COIMBRA, *Criacionismo, Síntese Filosófica*, ed. cit., vol. I, pp. 377 e segs.

alheia, para se tornar *aceitação* (respeito ou assunção...) sempre *diversa* do mistério mesmo da Vida ¹¹⁷.

Exige-se, pois, uma mudança de atitude interior para a compreensão de tal *mística da Cruz*, não só pelo aprofundamento da experiência do sofrimento, seu acolhimento benigno e em amorosa aceitação, mas também por uma inteligência desse *sofrimento voluntário* ¹¹⁸. Se a dor sem tal consciência se torna opaca e estúpida ou inútil, iluminada por essa aceitação livre, torna-se dócil e inesperadamente fecunda, tanto na sinergia salutar e mais directamente salvífica, quanto na obtenção de um estado de consciência profundamente pacificado, 'sereno mesmo na morte'... ¹¹⁹

Trazer a dor pela mão, conversada, sem tensão ou desespero, concitar nela o bem maior desse rasgão de vida, nessa cruz assim amável, é então compreensível, se se lembrar ainda a postura e o trabalho interior em ordem à *inteireza*, o qual se testemunha na tradição monástica, mormente no timbre do *ora et labora*, e na ascético-mística cristã, embora hoje muito esquecidas ¹²⁰. De facto, só por esta via integral, meditativa, que actualmente, outrossim, se torna patente em análogos acenos orientais, sobretudo no budismo, se indicam as condições que levam a perceber a vida nessa *universal Compaixão* ¹²¹.

Mas tal via meditativa não é ainda a da discursividade, da *ruminatio* mental, antes a da intuitividade de 'um viver sem pensar nisso', numa *plena atenção à vida*, não tomando as ilusões e fantasmagorias das «confeções» mentais pelo suposto «realismo», mas aprofundando a observação de tais agregados básicos, de tais configurações aparentes ¹²². Na meditação budista, em especial como

¹¹⁷ Pluralidade ou unicidade dessa(s) instância(s) incomparáveis, como, em análogo, se poderia dizer de *jiva*, ou dos «átomos» de *vida*, para o Jainismo. Cf., por exemplo, Paul DUNDAS, *The Jains*, London/N.Y., Routledge, 1992, pp. 80 e segs.

¹¹⁸ Mas é preciso *ser-se já alguém*, para assim se poder fazer *oblação* do seu mesmo ser; só pode dar, aquele que possui, e o sofrimento pode ser *dom maior* quando é justamente um voluntário *dar a vida por*. Cf. *Jo* 15, 13.

¹¹⁹ Cf. F. PESSOA, «No túmulo de Christian Rosenkreuz», em «Cancioneiro», in: F.P., *Obra Poética*, ed. cit., p. 191: «Calmo na falsa morte a nós exposto...»

¹²⁰ Cf. referências em nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, «Do valor espiritual do trabalho em S. Bento de Núrcia», (Conferência, XV Centenário de S. Bento, Guimarães, 19/6/81), in: *Revista de Guimarães*, XCI, Jan./Dez. (1981), pp.284-339; também: Id., «A ascese na espiritualidade de S. Bento de Núrcia – Do valor rítmico da vida monástica segundo a *Regula*», in: *Didaskalia*, X, (1980), pp.363-372.

¹²¹ Cf. *Lankavatara Sutra*, II, 7 e segs. (ed. D. T. Suzuki, trad., London, Routledge, 1932, pp. 36 e segs.)

¹²² Como se diz no *Prajna-paramita Hrdaya Sutra*, 3: «...rupam sunyata sunyataiva rupam...»; cf. nota seguinte.

vipassana, «discernimento» ou *prajña* último, dá-se esta evidência do *sentir* purgado, que se poderia analogar à *puritas cordis* do estado da bem-aventurança, na coincidência benigna com a Vida e suas mesmas ilusões, por isso mesmo já não a verdade *ilusória*, mas observadas na *verdade da sua mesma aparência* ¹²³.

O 'vício' do sofrimento – ou esta sua ilusão maior – consiste, pois, por inteiro *em memória*, no retomar e replicar o que é tão só pura sensação ou ser sem mais. De facto, sem memória, purgada a consciência como diria S. João da Cruz ¹²⁴, e em total atenção ao «agora», nunca a dor teria 'lugar', não por inconsciência ou insensibilidade ou anestesia, mas na perfeita consciência, plena união nesse entrecruzamento.

Então, é a própria caridade unitiva sofrida, o «deixar-se amar» ¹²⁵, a dor de ser... face à Luz infinda, Amor ilimitado, quer na oblação do *Bodhisattva*, quer na consciência última de que na agonia do Horto e da Cruz se sublima ultrapassando o «egóico» desejo em pura Vontade... ¹²⁶

Donde, o búdico sorriso compreensivo de quem acordado percebe que se 'dorme aqui o que outros sonham além...' ¹²⁷, ou o olhar misericordioso, desprendido da Cruz, que consente na aparente dor um maior dom sensível, o florir do róseo Coração do amor...

CARLOS H. DO C. SILVA

¹²³ Cf. William HART, *The Art of Living*, N.Y., Harper & Row, 1987; e *vide* outras referências em nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, «O problema da Atenção no *Vipassana*» (Comun. ao *Colóquio: A Mente, a Religião e a Ciência*, Fac. Letras de Lx., Nov. 2001), no prelo.

¹²⁴ Cf. S. JOÃO DA CRUZ, *Subida*, III, cs.1-15 (ed. cit., pp. 236-259) e *vide* André BORD, *Mémoire et Espérance chez Jean de la Croix*, Paris, Beauchesne, 1971, pp. 100 e segs.

¹²⁵ Cf. *Jo* 21, 15...que é retomado pela BT.^a ISABEL DA TRINDADE, O.C.D., «*Laisse-toi aimer*», in: Conrad de Meester (ed.), *ELISABETH DE LA TRINITÉ, Œuvres Complètes*, Paris, Cerf, 1991², pp. 189 e segs.; trad. port., P. Manuel Reis, O.C.D. e Carlos H. do C. Silva (org.), *Obras Espirituais*, Oeiras-Paço d'Arcos, Ed. Carmelo, 1989, pp. 140 e segs.)

¹²⁶ Cf. *supra* n. 121. 'O único alimento, fazer a Vontade de Deus...' (*Jo* 4, 34...) Ainda o *abandono*... cf. *supra* n. 89.

¹²⁷ Cf. F. PESSOA, «No Túmulo de Christian Rosenkruz», iii, in: ed. cit., p. 191: «Ah, mas aqui, onde irrealis erramos, / Dormimos o que somos, e a verdade, / Inda que enfim em sonhos a vejamos, / vemo-la, porque em sonho, em falsidade. / (...).» Será ainda a ressonância de uma *compaixão* dita de outro modo em J. KRISHNAMURTI, (*The Urgency of Change*, London, V. Gollancz, 1971, p. 168): «Passion is the austerity of self-abnegation in which the «you» and «me» is not; therefore *passion is the essence of life*.» (sublinhámos).